

Do Sr. Fernando Pessoa
Com muita simpatia.

J. de A. Casque

a Profecia 1925

ou

© Mistério da Morte
de Tut - Ank - Amon

Reservados todos os direitos de
reprodução, tradução e adaptação
cinematográfica.

Copyright by Fernando Val do
Rio de Carvalho Henriques.

IMPRESA LIBANIO
DA SILVA
Trav. Fala-Só, 24—Lisboa

F. de Carvalho Henriques

a Profecia

ou

© Mistério da Morte
de Tut - Ank - Amon

PREFÁCIO

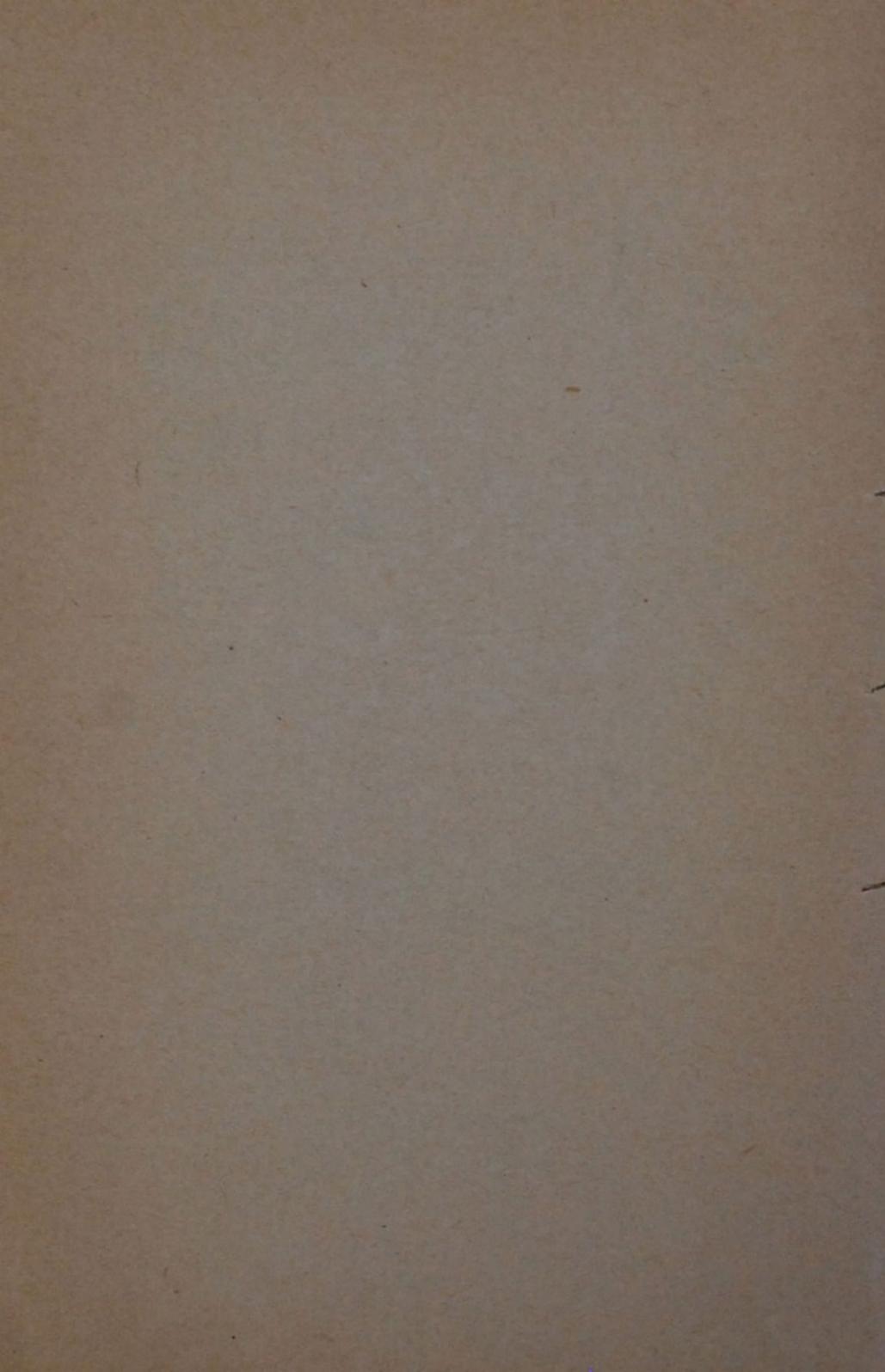
por

João de Brito



LISBÔA

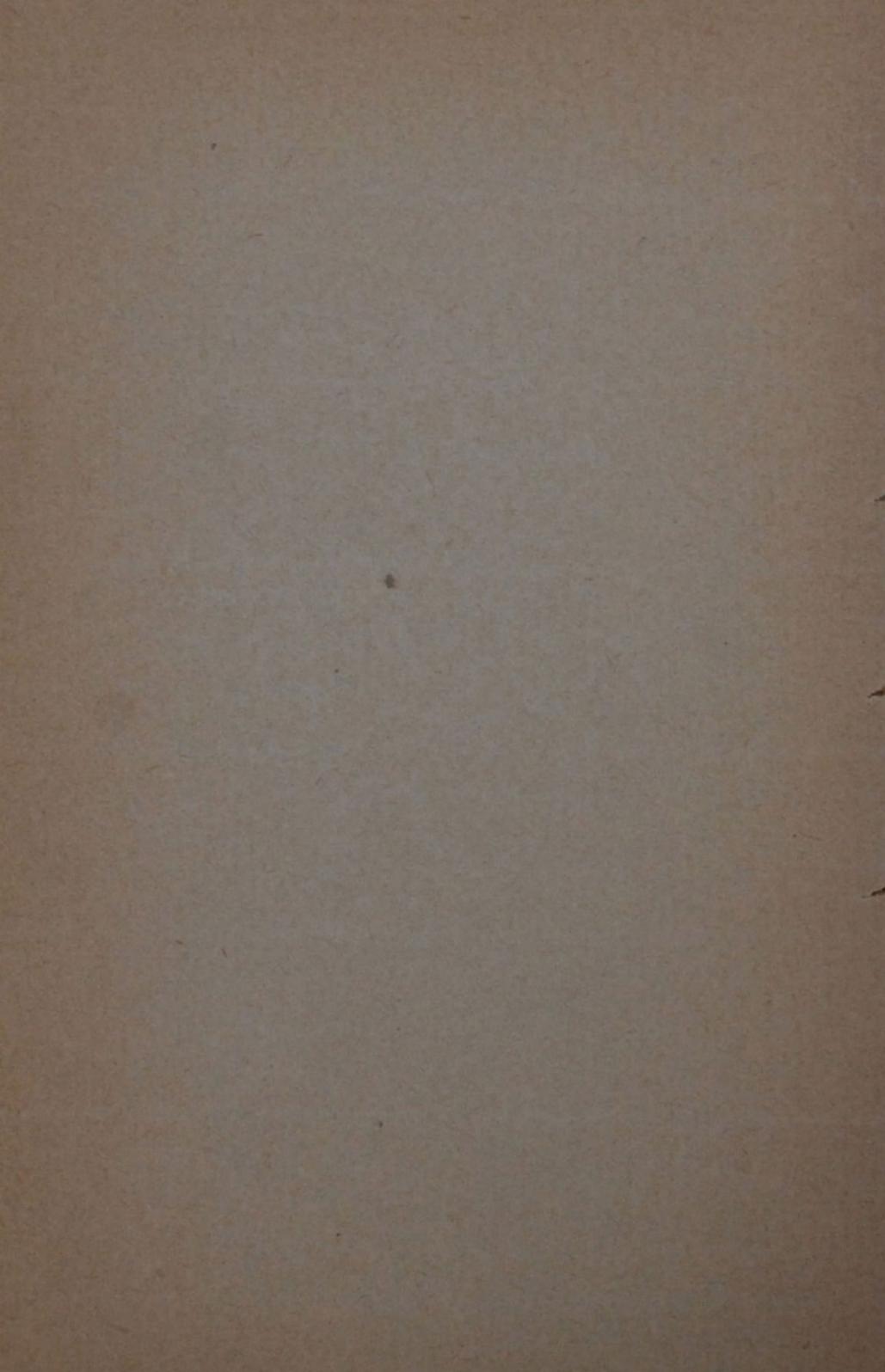
1 9 2 4



A MINHA MULHER

PARA QUE ELA DÊ
AO LIVRO UM POUCO
DA FELICIDADE QUE
ME TROUXE.

F. DE C. H.



ÍNDICE

	Prefácio.....	9
Cap.	I Homem! Tirar-lhe-hás a vida ao dar-lha!	13
»	II A Profecia.....	29
»	III — Faraó?!... Para quê?.....	41
»	IV Mulher! Tirar-lhe-hás a vida ao dar-lha!	52
»	V Trinta e três vezes cem anos que passaram.	62
»	VI — Se então houvesse luar, tê-la-hia visto melhor.....	65
»	VII A aventura de Alberto.....	76
»	VIII Ricardo julga por momentos que os seus dois amigos endoideceram.....	85
»	IX José Miguel segue o seu destino.....	97
»	X O Encontro.....	113
»	XI O que conta o alemão que tinha muita difi- culdade em acender o cachimbo.....	121
»	XII Um auxílio que mata.....	141
»	XIII Outra vez o perfume de Daisy.....	154
»	XIV No cemitério.....	160

Prefacio

O livro publicado por Fernando Val do Rio de Carvalho Henriques em forma de romance sob a epígrafe **A Profecia** ou o **Mistério da Morte de Tut-Ank-Amon** versa um tema filosófico que tem sido uma das preocupações constantes do espirito humano, o destino desta energia que em nós vive sob o nome de alma, depois daquilo que chamamos a morte do individuo, e mostra-se adepto fervoroso da teoria que admite o renascimento das almas em novos individuos aos quais imprimem um caracter semelhante ao daqueles cuja vida anteriormente animaram, até que, volvidos muitos séculos, elas encontrem numa felicidade eterna de indestrutível amor o termo daquela ansiedade, que aflige e tortura o espirito humano sempre insatisfeito durante a vida terrena.

Esta doutrina, como todas aquellas que pretendem explicar o destino póstumo da energia vital humana, pelo seu character metafisico e pessoal não permite uma crítica fácil, pois a sua aceitação ou a sua repulsa dependem mais da simpatia ou antipatia que das razões que possam apresentar-se a favor ou contra os seus princípios filosóficos, porquanto a alma humana continua a ser um enigma indecifrável.

Cada leitor por isso a julgará sem minha intervenção como melhor quizer. Todos no entanto, estou certo disso, reconhecerão que o autor, ao contrário do que todos os dias se demonstra em tanto livro de literatura banal sem orientação definida, obedeceu a um princípio filosófico que orienta a sua obra, tornando-a duma beleza moral indiscutível.

A maneira, porém, como o autor versou o seu tema, junta á sua obra um novo titulo de simpatia da parte de quem a ler: é que ela mostra no seu autor a honestidade do escritor, que, entrelaçando no seu trabalho factos da antiguidade e dos modernos tempos, procurou conhecer uns e outros com tão escrupulosa perfeição dentro daquilo que a historia tem estabelecido como

certo, que ninguém poderá dizer que elle não tenha buscado a verdade e a conveniencia literária, como elas devem ser entendidas.

O titulo tão suggestivo do romance e o interessante, dramático e natural desenvolvimento que o autor dá ao seu enredo, imprimem ao seu trabalho uma originalidade, que não pode deixar de atrair para elle uma justa e simpática apreciação.

Quanto á forma, as seguintes palavras bastam para a classificar: no seu vocabulário nota-se a preocupação dum desejo de pureza de linguagem, a que só faz excepção um ou outro termo ainda não adaptado á nossa lingua; a sua dicção é clara, correcta e harmoniosa como é proprio duma obra portugêsa, que é escrita para todos. Eis em resumo o que me parece que dirá quem a ler.

Eu, porém, tenho um outro motivo íntimo de satisfação e prazer: é que o Autor, que em tempos como aluno me deu tantas vezes a prova dum espirito dotado dum grande e sensível delicadêza



e disposto a deixar-se conduzir pelos conselhos do mestre, agora, submetendo á minha apreciação o seu primeiro trabalho literário, mostra que não esqueceu nem as lições que lhe dei, nem a amizade que elle mesmo grangeou pelo seu procedimento.

Lisbôa, 5 de Dezembro de 1923.

JOÃO DE BRITO.



A PROFECIA

CAPÍTULO PRIMEIRO

:: :: :: :: :: :: :: :: :: :: ::

*Homem! Tirar-lhe-hás
a vida ao dar-lha! :: ::*

Ricardo que ia a saír da barraca, ouvira; mas um dos seus companheiros, que à distancia de cincoenta metros lavava a louça da ceia numa poça, dera tambem por qualquer coisa, pois que se levantara e inspeccionava a crista da falésia. O grito repetiu-se e, apesar do grande e continuo barulho da rebentação de fortes mares do equinócio, os rapazes conheceram a voz duma mulher.

— Vocês ouviram? perguntou José Miguel, que neste momento aparecia por detrás dum rochedo para se ir juntar a Ricardo e Alberto no lugar, onde este último interrompera as suas funções de moço de cozinha

e donde se descortinava a área da qual parecia ter partido o apêlo.

Os olhos dos três amigos começavam a lacrimejar ao fitarem forçadamente as escarpadas ravinas em que a mortíça claridade do crepúsculo fazia já noite escura. Os nervos dêles davam sinal de si; havia labios que tremiam...

— Socorro!... Acudam!... Numa acalmia do mar agora distintamente de cima à direita na treva êles ouviram, sem nada verem, e era justamente isto que por um lusco-fusco de setembro na caótica Praia da Ursa ao norte do Cabo da Roca faria estremecer muitos donos de largos ombros e de nervos normalmente sãos.

— E' dali! Venham! brada Alberto. E aliviados, por afastarem dêles a imobilidade que nestas ocasiões é dolorosa, avançam os três jovens para a negridão. Sentem-se fortes, capazes de grandes feitos, mas... O' desespero!... por tudo quanto existe, querem vêr!

— Oh! exclama José Miguel estacando;
— Lá em cima!...

Os outros olham e ficam aterrados.

— Que horror! murmura Alberto.

— Salvemo-la! grita Ricardo decidido.

Lá no alto a pouca distancia da borda do vertical despenhadeiro a uns cincoenta metros da praia uma forma branca que o vento açoitava, parece suspensa no ar devido à negrura do fundo.

José Miguel faz porta-voz com as mãos e forte, nitido, calando o mar e o vento, compassando as palavras para que o éco as não transtorne, grita:

— Coragem! Num minuto estamos aí!

Ricardo e Alberto correram já para a barraca a buscarem a corda de escalada; José Miguel junta-se-lhes e os três na noite negra sobem a escabrosa e íngreme encosta por sítios, que de dia e a sangue frio não ousariam pisar.

Por trás dêles chovem matacões que os seus pés arrancam ao apoiarem-se; os cardos são agarrados e entram nas carnes sustendo corpos; a José resvala-lhe um pé, escorrega metros sobre brutais asperidades graníticas, mas lá se levanta, continua e

nunca aos três pareceu a subida da falésia tão demorada, nunca sentiram tão pouco cansaço ao fazê-la.

— Mas onde está ela? pergunta raivosamente Alberto ao verificar que estão desorientados.

Seguem de rastos a borda do precipício e — sorte das sortes! — preso a um insignificante arbusto, como minúscula bandeira, um pequenino lenço branco marca o local do drama.

E agora?... Não ha tempo para hesitações. Mas os três amigos olham-se através da escuridão.

— Quem vai? dizem labios indecisos de almas valorosas.

José Miguel com o rosto em sangue da queda que dera durante a subida, silencioso, belo, ata-se pela cintura.

Apertam-se mãos; o generoso voluntario recebe dois beijos; recolhe-se um instante como que orando e caminha para o abismo que na ausencia da luz fascina menos do que de dia.

A corda é sustida pelos dois companhei-

ros que a vão largando. José Miguel desce, desce, parece-lhe que deve estar já na base da falésia; os seus pés tocam num tronco de árvore e alguns ramos sêcos roçam-lhe o corpo como a chamar-lhe a atenção para o outro corpo alvo, agora inerte.

O tronco é forte; José escarrancha-se nêle; desprende-se do cabo; dá dois esticões para avisar os companheiros que o soltam um pouco e prende fortemente a mulher a quem acaba de salvar. Mais um puxão de entendimento e o níveo fardo, bem leve, é levantado facilmente, sendo sustido por Ricardo, enquanto com todo o cuidado Alberto o iça por sôbre a aresta rochosa.

Cerra-se a noite cada vez mais; a dez passos de distancia não se distingue a borda do abismo.

Alberto, depois de suavemente colocar o corpo branco no chão, corre para a beira do precipício a fim de deixar cair a corda precisamente na gola feita há pouco por ela na terra. Espera: a corda não é agarrada. Procura ver através das trevas sem resultado, chama com toda a fôrça, mas

sómente sarcásticos Eh! Eh! Eh! lhe são respondidos pelos colossais penedos mais próximos. Volta-se para Ricardo que tão horrorizado como êle nem sequer ousa fazer em voz alta uma suposição do que haja acontecido. Interrogam-se os dois:

— O José...? murmura Alberto.

— O José...? responde-lhe o companheiro.

Raivosos chorando acercam-se demasiadamente do abismo com risco de se despenharem e gritam, gritam esfalfados... Vencidos sentam-se no chão...

— Vamos lá abaixo? propõe Ricardo a mêdo.

Alberto levanta-se e os dois correm, tropeçam, escorregam; em instantes a escarpa é descida.

Passam junto da barraca de lona; um dêles lembra-se de que possuem uma lanterna; buscam-na; custa a encontrar; não ha fósforos; aparecem por fim; acendem-na e, os dois companheiros, querendo e não querendo ao mesmo tempo, aproximam-se do local onde deve estar um montão de carne

informe que há minutos era o seu antigo condiscipulo, o querido amigo José Miguel de Oliveira.

Chegam-se receosos. Mas percorrem todo o sopé da falésia sem encontrarem nada.

De repente cai-lhes aos pés um objecto que, pelo som, ao desfazer-se de encontro à rocha, deve ser metálico: procuram e em breve Ricardo mostra ao companheiro a châtelaine de José Miguel; do relógio só resta a argola.

— Está lá em cima, louvado seja Deus! bradam ambos. Mas então . . . com um milhão de diabos! Que estamos nós aqui a fazer?!

E estafados, mas impelidos pela esperança que os torna insensíveis ao martírio fisico, lá trepam outra vez os dois desgraçados pelo alcantilado monte para salvarem outro ainda mais desgraçado.

Agora de novo junto da pequenina bandeira branca prendem a lanterna à ponta da corda e deixam-na descer até que vêem o que lhes faz gelar o sangue. No tronco em posição que aos dois amigos de cima parece

paradoxal, José Miguel permanece inerte, com certeza desmaiado. Firmando-se melhor os dois rapazes compreendem: para maior segurança, enquanto esperava a volta do cabo, o amigo prendera-se à arvore com um cinto bastante forte e comprido que usava. E assim ao perder os sentidos êle, que para se atar à arvore se deitara quasi sôbre ela, resvalou, ficando suspenso pela cintura com os braços e pernas esticados pela gravidade.

Nestas circumstancias o cinto, apesar de resistente, pode rebentar dum momento para o outro e no caso em que José, não obstante a estranha posição, volte a si, o mais pequeno esfôrço que êle faça para conseguir agarrar o tronco, originará com mais forte razão a ruptura da sua suspensão.

Os dois amigos não sabem o que fazer. Ir um dêles lá abaixo sustido pelo outro é possível. Mas a subida?! Poderá qualquer dêles, só, içar a corda nestas condições?

Segue-se um lúgubre silencio a esta curta discussão com respeito ao salvamento de José Miguel, quando atrás dêles ouvem

ruido. Voltam-se e à luz frouxa da lanterna apesar da comoção que sentem, não podem deixar de ficar impressionados pela aparição: o fardo branco levantara-se; está junto dêles e fala-lhes; uma criatura linda, mas mortalmente pálida, pergunta-lhes perturbada:

— Foram os senhores?... Obrigada!

Ao ouvirem isto, Ricardo e Alberto tornam a si; lembram-se e êste último responde:

— Não, minha senhora, quem vos salvou... quem vos salvou, está no lugar donde vos tirou.

E Alberto conta rapidamente à jovem mulher o que acontecera, quando o amigo o interrompe:

— Cala-te! Ha um meio. E implorando:

— Minha senhora, por amor de quem mais no mundo quere, salve-o, ajude-nos a salvá-lo!

— Mas como? pergunta ela tremendo

— Indo lá abaixo. Nós sustivemo-la tão bem... é tão leve. E perante um gesto de recusa:

— Pelo amor de Deus! Foi êle quem...

— Oh! exclama a mulher horrorizada. Eu?... Mas eu não... sim, eu caí... Oh! não, não, não... não posso. E tapando a cara: — Que horror!

— Senhora, replica Ricardo com medonha calma; aquella vida que alem está prestes a perder-se, por ter salvado a sua, não deve extinguir-se. Nós ambos tivemos uma bela ilusão dum instante. Ha pouco pareceu-nos ver o anjo da guarda do nosso amigo que chegava em seu auxilio. A sublime visão, porêm, esvaïu-se, restando dela só como que um residuo desprezível. Esse residuo, sois vós, senhora! E voltando-se para Alberto:

— Desço eu. O tronco é grosso; aguenta tambem comigo. Prendo-o melhor e tu, Alberto, corres, corres ao farol... será melhor a Azoia?... não, ao farol, a buscar gente que nos possa içar aos dois.

— Mas..., replica Alberto.

— Não digas mais nada; quero que tenhas fôrça para me...

— Não! Atem-me, senhores. Murmura a

rapariga tornada visão aos olhos dos dois desesperados amigos. E simplesmente:

— Perdoem-me. Digam o que devo fazer.

— O cabo que temos aqui é suficientemente comprido para que, dobrado, possa chegar ao sitio onde José Miguel se encontra. Vamos liga-la fortemente a uma das extremidades e descê-la até ao tronco. Quando formos avisados por dois esticções de que vossa excelência se acha firme, sem a largarmos, atirar-lhe-hemos a outra ponta à qual prenderá José . . . mas, por Deus, tome cuidado! Içamo-lo a êle e, segundos depois, a senhora estará aqui outra vez.

Não foi esta operação feita com a simplicidade descrita, mas o certo é que devido à coragem da bela mulher José Miguel estava salvo e atendido por Alberto começava a recuperar os sentidos.

Descer ao acampamento, agora que a alegria reinava e que com ela o moral dos nossos amigos entrava em rapida convalescença do rude choque que sofrera; aventurarem-se a sangue frio a recommear a

enormidade que haviam cometido, seria desafiar a sorte. Por outro lado, se a rapariga parecia sofrer mais de abatimento moral do que físico, o mesmo não acontecia com José Miguel, pois que à claridade da lanterna, Alberto já descobrira a causa do desmaio do amigo: um profundo golpe numa perna feito com certeza por ocasião da queda que dera durante a subida, fazia-o perder muito sangue; o ferido precisava, por isso, de assistência médica imediata.

Mas onde ir busca-la? A Azoia, pequena aldeia em que nem uma farmácia se encontra? Nem pensar nisso.

Resolveram, pois, Alberto e Ricardo, transportar José imediatamente para Almoçageme, vila de certa importancia, aonde depois de algumas peripécias devidas à grande escuridão e escabrosidade dos caminhos, acompanhados pela jovem chegaram pela uma da noite.

Áquela hora, porém, aos três amigos difficil lhes era encontrar um médico numa terra em que pela primeira vez haviam passado com pouca demora dois dias antes.

Quanto à rapariga, parecia ela ignorar por completo onde se achava. Contudo o acaso favoreceu-os nas seguintes circunstancias.

Ao entrarem na rua principal da localidade, ouviram o barulho dum automóvel que se aproximava, e em breve foram cobertos pela clara luz dos seus farois.

Alberto — que com o companheiro são levava em peso o ferido, pois que o sofrimento dêste proibia a sua condução doutro modo — largou José Miguel, saltou para a calçada e com risco de ser atropelado fez parar o carro.

— O que ha? perguntou uma voz estrangeirada de dentro do veículo. Era um casal de ingleses que de Cascais se dirigia para a Praia das Maças. Dadas, pois, as explicações devidas, foram os quatro admitidos a bordo dos britannicos e daí a pouco tempo entravam num hotel da Praia.

O médico, chamado assim que chegaram, analisou, desinfectou e pensou cuidadosamente o ferido, declarando, ao despedir-se, que graças ao forte organismo dêste

dentro de alguns dias seria o mesmo homem de há poucas horas.

A jovem senhora naturalmente carecendo bastante de repouso depois do que lhe acontecera, recolheu-se logo ao seu quarto, exemplo que foi seguido por Ricardo e Alberto, mas para velarem revezando-se pelo querido enfermo.

E assim passou a noite.

Na manhã seguinte — linda manhã fria e nevoenta de outono — porém, ao descerem para o primeiro almoço, depois duma noite praticamente passada em claro junto do leito do febril doente, os dois dedicados enfermeiros tiveram uma noticia que por certo não esperavam.

Entravam na sala de jantar, quando um criado se aproximou, dizendo-lhes :

— A criada do quarto ocupado pela senhora que veio hontem com suas excelências, acaba de informar o gerente de que a mesma senhora abandonou o hotel com certeza pouco depois de ter entrado, pois que nem sequer a cama tem sinais de que alguém houvesse repousado nela.

*

*

*

Algumas horas antes de a Ricardo e Alberto ter sido dada esta novidade, um guarda do Pôsto Fiscal de Azoia de Colares seguia o seu habitual passeio matutino de inspecção pela borda das falésias que por terra limitam a Praia da Ursa, quando chegou ao local onde na noite anterior se haviam passado os acontecimentos relatados.

A corda abandonada, na qual tropeçou, foi o que primeiro chamou a atenção do soldado, impressionando-o em seguida o comprimento dela, impressão que o levou a fazer comparações inconscientes. Sendo a dimensão mais acessível à vista a fundura do abismo, o guarda acercou-se mais e olhou. Êste estado de espirito, porém, — natural em quem durante vinte anos de serviço o mais importante salvado que noticiara, havia sido uma pequena embarcação de fundo chato quasi destruída — foi vivamente abalado por qualquer coisa vista lá em baixo na penedia, pois que o homem

gesticulou, correu numa direcção, hesitou, dirigindo-se finalmente para o carreiro por êle conhecido que com menos perigo conduzia à praia.

Em breves minutos o horrorizado guarda achou-se junto do que lá de cima sem se enganar havia suposto ser: o cadaver duma mulher de bruços com um dos braços sob o corpo, e a face pela violencia do choque tornada plástica e adaptável a uma saliencia da rocha.

Um dos sapatos fugira. O outro, calçado ainda, elegante, pequeno, moderno, vê-se que estalou. . .

A auréola de sangue negro que roçava aquela chaga que foi rosto. . . E êste destroço horrendo de jovem mulher está envolto num vestido branco, tão branco quasi como uma magnifica mão que não chegou completamente a fechar-se ao querer agarrar a vida que fugia.

CAPÍTULO II

❖ ❖ ❖ ❖ ❖ ❖ ❖

A Profecia :: ::

Era em Tebas há trinta e três séculos.

Estava-se no ano primeiro, quarto dia do segundo mês das colheitas, do Rei do Alto e Baixo Egipto, Filho do Sol, Neb-Kheper-Ra Tut-Ank-Amon, dotado de vida eterna.

O Egipto nesta época agitado por revoluções de carácter religioso causadas pela heresia de Amen-hotep IV, sogro do actual soberano, alguma coisa havia perdido do esplendor estupendo dos tempos dos constructores das pirâmides.

Contudo Ta-apé, a maravilhosa cidade de Amon, nesse dia, como ha muito já não acontecia, apresentava-se movimentada, festiva

O faraó chegara. Kut-Aten, fundada pelo heterodoxo monoteísta Amen-hotep, havia sido abandonada pela côrte que se estabelecia outra vez na antiga capital somente para a trocar por Menfís, mais ao norte, durante os meses de estio.

As colossais colunas do Grande Templo de Amon eram estranguladas junto às bases pela multidão que se apinhava glorificando o deus na pessoa do jovem rei, enquanto em Tellel-Amarna os irados sacerdotes de Aten faziam éco da cólera da desprezada divindade heliopolitana.

Findava o dia e com êle a cerimónia litúrgica.

Nos nomes do rei e da rainha substituiu-se a palavra Aten por Amon, transformando-se pois Tut-Ank-Aten e Ank-Sen-Pa-Aten respectivamente em Tut-Ank-Amon e Ank-Sen-Amon.

Agora em carro de electrum aclamados pelo povo os régios esposos saídos há pouco do templo dirigiam-se para o palacio.

O sol mergulhava já no ocidental Vale dos Túmulos dos Reis e o cortejo aproxima-

va-se do seu destino. Mas em dado momento um risco luminoso atravessou o ar sibilando e uma seta passou tangente à cabeça do faraó, perdendo-se e perdendo um pouco mais longe uma vida da turba anónima.

Horror e revolta fizeram vibrar a multidão. No meio do tumulto a voz forte de Hor-em-Heb, o general íntimo do rei, comandava à guarda de honra: — Envolver e armar arcos!

E a equipagem rial que parara um momento, assim protegida recomeçou a andar, afastando-se do ponto em que o borborinho era maior. Aí sob uma dezena de espectadores indignados não opondo resistência aos maus tratos, estava aquele que diziam ser o autor do atentado.

Hor-em-Heb aproximou-se dispersando as gentes. No solo, estendido, jazia um homem de meia idade que se ergueu a custo para tornar a cair. Morrera.

Foi mesmo ali o cadáver revistado encontrando-se-lhe uma medalha com um disco solar donde partiam raios tendo mãos nas extremidades. Era evidente: os sacer-

dotes de Kut-Aten haviam iniciado os atentados contra a vida do moço Tut-Ank-Amon.

*

* *

Passavam alguns dias depois dêstes acontecimentos e na rainha — sob as garras da hereditariedade — manifestavam-se com mais intensidade as taras paternas. Fechada em seus régios aposentos, ora em histéricas crises de lágrimas invectivava o espôso que havia abandonado o culto seguido pelo pai dela, ora com fanatismo revoltante procurava secretamente comunicar com os inimigos da actual religião oficial, sem que no seu espírito doente se apresentassem os resultados positivos que conseguiria com êste procedimento.

Á sua dama de honor Ti, até então a mais querida e única confidente, mandara-a a rainha açoiar numa ocasião em que aquela ousara mostrar à rial ama não só o perigo mas a desonestidade de conspirar contra o nobre e amante consorte.

Perante a injustiça à qual Ti, como egípcia, se curvara, mas que surdamente e sem limites revoltava a mulher inteligente e bela que vira o seu corpo brutalmente maculado pelo chicote — e nestas circunstancias Ela foi, é e será sempre Ela em qualquer ponto do espaço ou do tempo que se considere sobre a Terra — perante a injustiça a antiga favorita da espôsa do faraó sentiu que desprezava aquela que até então associara aos seus deuses.

Somente uma criatura tinha, porêm, para os outros a suprema ventura, para si a grande tristeza de ouvir os queixumes da linda dama. Êsse jovem, o eleito do coração de Ti, como todos os seus patrícios, era delgado e elegante; como poucos dêles, filho dum príncipe do sul; mas como só um outro, tinha o mesmo pai e o pai dêle fora quem gerara Tut-Ank-Amon.

O moço Nofer-hotep — que conhecera e começara a amar a dama Ti em Kut-Aten durante o curto reinado de Sakare Nekt-Kheper: que fôra coroado faraó e um ano depois assassinado por ser casado com a

filha mais velha de Amen-hotep IV e seguir as doutrinas dêste — quando da subida ao trono de Tut-Ank-Amon por ordem do rei partira para Tebas, onde depois duma vez ter sido tomado pelo Ka (*) do faraó, devido à grande semelhança que tinha com o irmão, deliberou arranjar um disfarce que lhe permitisse sem ser notado desempenhar as importantes missões de que o monarca secretamente o incumbia.

A mãe de Nofer-hotep, filha dum modesto cultivador, morrera ao da-lo à luz, assim como dois anos antes havia acontecido com a mãe do actual soberano.

Foram as duas crianças criadas e educadas sempre juntas de forma tal que pela outra cada uma daria a própria vida. Além disso nunca Nofer-hotep esquecera o que com a idade de onze anos vira um dia o irmão fazer: andavam os dois passeando num fragil barco de papiro em frente do palacio do pai, quando a uma distancia

(*) O espírito sob a forma de fantasma.

não muito grande emergiu a cabeçorra nojenta e medonha dum enorme crocodilo. Nofer-hotep na inconsciencia dos seus verdes anos, que contrastava singularmente com a gravidade do irmão, atirou contra a fera um seixo que viu no fundo da embarcação. Com tanta infelicidade, porém, êste acto foi praticado que o projectil atingiu o feroz animal num olho irritando-o enormemente, pelo que, como um torpedeiro, investiu contra o bote. O causador da iminente tragédia possuido de grande pavor deu um grito e deslocou-se de tal forma que o barquito se voltou.

De bocarra aberta o horrendo animal ia devorar Nofer-hotep; mas, ágil como um peixe, aquele que um dia deveria ser rei, em duas braçadas achava-se entre o irmão e as fortissimas tenazes que o iam esmagar...

...Uma força misteriosa sustinha separadas as hediondas maxilas do anfbio sagrado; a água entrava-lhe pelas goelas e o animal morria asfixiado sob o olhar espantado das duas crianças, agora em cima do fundo do barco.

Desde essa ocasião a grande amizade de Nofer-hotep transformou-se numa espécie de culto pelo irmão.

Tut-Ank-Amon, casado com a mais nova das sete filhas de Kuen-Aten, (*) nunca sonhara vir a ser um dia rei e a sua proclamação, originada pelo assassinio do seu concunhado Nekt-Kheper, fez com que o seu amicíssimo irmão, em virtude dos grandes perigos que o faraó corria nessa época em que o País de Qemt estava anarquizado, passasse a viver só, por assim dizer, para promover a segurança daquele que sem a mais leve hesitação um dia quisera dar a vida pela dêle.

Nestas circumstancias não parece inverosímil o facto de o irmão dum faraó, pelo menos durante o periodo em que o conhecemos, levar uma vida obscura, muitas vezes até usando suíças para se fazer passar por escravo, escondendo assim ao mesmo tempo a espantosa semelhança de feições que tinha com o monarca.

(*) Amen-hotep IV.

*

* *

Era noite velha. Numa das câmaras secretas do palacio o faraó que havia muito se achava em conferência com Nofer-hotep, indicou-lhe que esta estava terminada.

— Eu te saúdo, despedindo-me, ó meu rial irmão. As instruções que acabas de dar-me com respeito à vigilancia a exercer sôbre a rainha, repeti-las-hei á dama Ti, aquella que por tua causa, ó comparavel a Osiris, injusta e cruelmente foi castigada.

Logo que Schu, o divino filho, se procrie a êle próprio, partirei para Kut-Aten, a fim de que te possã avisar dos manejos de Set, o maldito reptil cujo veneno queima, encarnado nas figuras dos sacerdotes de Aten.

Deixando o rei, dirigiu-se Nofer-hotep para um pátio no interior do palácio, onde um obelisco proveniente das pedreiras de Khennu com a sua sombra manchava o chão iluminado pelo luar.

Do grande monólito destacou-se uma fi-

gura esbelta de mulher que, como tudo indicava, esperava o recêm-chegado.

— Nofer-hotep, murmurou ela; senhor meu, então?

— Para Kut-Aten, outra vez para longe da minha Ti; respondeu êle tristemente. E isto, logo que o sol nasça, meu amor.

A linda egípcia que não esperava esta noticia, soltou uma surda exclamação de desespêro. O amante continuou:

— O faraó, o meu querido e lial irmão, vê, como eu esperava, com bons olhos o nosso casamento ao qual me prometeu assistir, de hoje a trinta dias, logo que eu tenha voltado de Kut-Aten.

Entretanto para a dama Ti deu-me êle as instruções seguintes: vigiar atentamente os estranhos gestos da rainha, tomar nota de todas as pessoas que são admitidas em seus aposentos e, logo que haja alguma comunicação importante a fazer, a dama Ti durante a refeição comum para avisar o rei apresentar-se-há sem os braceletes no pulso esquerdo.

— Nofer-hotep, ó noivo querido! exclamou

mou a jovem ansiosa e comovida, negros presentimentos me assaltam. Vi em sonhos duas pirâmides iguais, uma de ouro, outra de *matkat* (*). Em frente da pirâmide verde as gentes prosternavam-se glorificando-a, enquanto eu sentia uma enorme atracção para a de ouro e a adorava. Perguntei a razão disto e todos se admiravam e afastavam de mim dizendo que eu me achava possuída por Set, pois que de ouro era a pirâmide por êles venerada e de *matkat* aquela que eu dizia ser metálica.

Fez-se uma escuridão profunda; a terra tremeu. Olhei outra vez para onde estavam os dois objectos e agora toda a multidão se aglomerava em tórno do de ouro, ao passo que o outro diminuia, foi um ponto verde e por fim desapareceu.

—Estranho foi o teu sonho, ó adorada Ti! disse Nofer-hotep suspeitando, mas sem compreender, um mau preságio nos dizeres da amante; — Mas...

(*) Malaquite.

Não pôde continuar, pois que o obelisco a que estavam encostados estremeceu desde o vértice às fundações. Instintivamente os noivos num salto afastaram-se do bloco; e sôbre uma das faces sombreadas dêste em caracteres demóticos de fogo espantados leram as palavras cuja tradução seria esta:

Mulher! Tirar-lhe-hás a vida ao dar-lha!

Trinta e três vezes cem anos que passam.

Homem! Tirar-lhe-hás a vida ao dar-lha!

Trinta e três vezes cem anos que passam.

mulher! Homem! Chegou o vosso momento na

Terra de união para a Vida Eterna!



CAPITULO III

⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮

— *Faraó?!... Para quê?...*

Havia duas semanas que Nofer-hotep se achava em Tellel-Amarna quando uma tarde ao entrar na insignificante casa que lhe servia de moradia, um portador mudo lhe entregou um delgado pedaço dum caule do lotus. O jovem estremeceu, pois sabia ser uma mensagem do faraó. Procurou na pequena vara e deu com estas palavras:

Vem. Ti

Nessa mesma noite, o irmão de Tut-Ank-Amon fazia-se Nilo acima num barco de pescadores chegando a Tebas em tempo devido.

Logo ao desembarcar notou que factos anormais se haviam passado na cidade. Ao longo do cais uma companhia de soldados que êle viu pertencer à legião de Ptah, esperava, ao que parecia, ser trasbordada para a outra margem.

Os habitantes em grupos comentavam qualquer importante acontecimento.

Acercou-se Nofer-hotep dum dêesses grupos onde ouviu que três dias antes Tut-Ank-Amon havia sofrido outro atentado de que só a protecção divina milagrosamente o havia salvado. Do sul haviam chegado muito más noticias; os soldados que no cais o moço egipcio vira e supusera a caminho de qualquer batida aos ladrões que por êsse tempo infestavam o Vale dos Túmulos dos Reis, destinavam-se a qualquer fortaleza da região das cataratas.

Esperando ser melhor elucidado pela noiva, o irmão do rei dirigiu-se para casa duma amiga desta, onde sabia que ela se achava.

Os esplendidos olhos rasgados da bela Ti, ao verem o seu bem amado, encheram-se de lágrimas de alegria.

— Por Osiris! Bemvindo sejas, ó meu senhor Nofer-hotep!

Num apaixonado abraço o recém-chegado apertou contra si, beijando nos lábios, a formosa noiva e só depois dêste acto — tão velho nos tempos, mas sempre tão novo para aqueles que do coração o praticam — inquiriu o que se passava.

— O faraó, começou a amante, devido a Set, foi outra vez bafejado por Anubis. Ha três dias, quando se achava visitando o Templo de Amen-hotep III, desejando o monarca ver o adiantamento dos trabalhos da nova colunata, num dado momento caiu do teto um grande pedaço de pedra que esmagou um dos seus porta-leques. Foi grande o espanto de toda a comitiva e apesar das minuciosas buscas que se seguiram terem sido infrutíferas, todos aqueles que a esta cena assistiram, afirmam, embora por enquanto sem provas, que a queda do bloco não foi obra do acaso.

— Pobre irmão! murmurou Nofer-hotep. E a rainha?

— Oh! Essa, respondeu Ti com desdêm,

essa não tardará muito que a sua alma seja devorada por Amemit. Todos os dias com um horrendo berro o Ba (*) e o Ka se separaram dela deixando-a da côr da noite a deitar espuma pela bôca. E, quando volta à vida, é para recommençar a cantar em altos gritos hinos a Ra-Harmaku-Aten, o deus daqueles que a toda a hora procuram dar a morte ao teu régio irmão, ó nobre Nofer-hotep.

— E para que me mandou chamar o faraó, ó minha Ti?

— Impossível me é responder ao que perguntas; — e pensando na profecia do obelisco — mas diz-me uma voz dentro de mim que a nossa perdição nunca esteve tão perto como no dia de hoje, em que se aproxima o momento em que faraó te vai encarregar de perigosa missão.

— O' Ti! O' Estrêla de alva! exclamou o

(*) Segundo a concepção dos egípcios ao passo que o Ka é como que um outro-eu imaterial, o Ba é o elemento vivificador que à hora da morte abandona o corpo sob a forma de ave com cabeça humana.

moço com paixão, tremendo ao recordar também os misteriosos caracteres de fogo. — Esposa para todas as vidas, busquemos a protecção dos deuses servindo um dêles. Se o rei requiere auxilio, encontra-lo-há sempre em Nofer-hotep, pois . . . E se assim não fosse? Não coraria a nobre dama Ti ao pensar que dera o seu puro e belo amor a um vil que abandonava o irmão, quando na desgraça êste lhe pedia assistencia?

— Nofer-hotep, ó grande coração! Mas juremos que o nosso amor será indestrutível. Só assim te deixarei partir, ó meu muito meu! implorou a donzela enlaçando o amante.

O irmão de Tut-Ank-Amon tomou então de sôbre um cofre um *dad*, o emblema de Osiris, simbolo da estabilidade; colocou-o na palma da mão esquerda e com a direita aberta sôbre o amuleto acompanhado pela noiva disse com ardor:

— A nós, ó tu que permaneces imutável por milhões e milhões de annos! O' tu, senhor dos deuses! O' tu que possuis a Terra desde o começo! A nós, ó tu que foste, és e

serás! O' substancia única criada por si própria! Ouve-nos! Juramos que nem as prôvações das horríficas caminhadas no Alem, nem os sublimes gozos do Paraíso, nem as lentas durações do Tempo ou as incommensuráveis distancias do Espaço affectarão o nosso grande, o nosso eterno amor!

E esta exaltada promessa foi seguida duma despedida solene, muda, tristissima, mas corajosa de ambas as partes.

*
* *
*

A magnifica e pesada porta de electrum abriu-se para se fechar logo atrás de Nofer-hotep.

O noivo de Ti por efeito da transição da claridade exterior para a cendrada sala em que agora se achava, teve uma curta hesitação, mas uma voz amiga chamava-o.

— Régio irmão, respondeu o recém-vindo, ordenaste que viesse; aqui estou.

O faraó achava-se muito abatido.

Depois das mais carinhosas manifesta-

ções de amizade trocadas entre os dois amicíssimos irmãos seguiu-se uma animada e longa conversação, na qual Nofer-hotep soube mais promenores a respeito dos últimos acontecimentos, dando conta por sua vez ao monarca das missões que desempenhava em Kut-Aten por ocasião do seu chamamento a Tebas.

Por fim o faraó, sorrindo tristemente, disse:

— Adivinho a tua curiosidade, ó Nofer-hotep; e já é tempo de satisfazê-la. Prepara-te, porém, para ouvir o que te causará grande espanto.

Estás certo, irmão, de que só um motivo muito forte me obrigaria a chamar-te á *Cidade do Nome Escondido*, não é verdade?

Pois bem! Ouve! Por algumas horas serás o faraó!

— Repete, ó rei! Não compreendi bem, por certo! exclamou pasmado e intrigado Nofer-hotep.

E o soberano, continuando a sorrir por ver a assombrada cara do irmão, tornou:

— Vais ser Tut-Ank-Amon por algum

tempo. É caso para maravilhar, ó fidelíssimo amigo? Não és tu igual a Tut-Ank-Amon na estatura, nas feições, na voz?... O' meu irmão, não é cada um de nós o retrato do outro?

— Mas, ó *Imagem viva de Amon*, (*) faze que eu perceba os teus obscuros dizeres! suplicou Nofer-hotep.

— Falei a lingua do País de Qemt; tu és um *rometu*... (**), respondeu simplesmente o faraó.

— E com que fim, ó irmão, ordenas tu que por momentos a minha fronte ostente o régio *pschent*? (***)

— Escuta, começou o monarca; amanhã à hora da refeição da noite ficará combinada a maneira, a ocasião e o local do meu assassinio... Não, meu irmão, não duvides. Foi pelo nosso grande amigo, o fiel Hor-em-Heb, a quem Amon-Ra concedeu que

(*) Significação do nome Tut-Ank-Amon.

(**) Homem. Termo com que os egipcios se denominavam a si próprios em opposição aos estrangeiros.

(***) A dupla corôa do Alto e Baixo Egipto.

ouvisse, que a inacreditavel verdade me foi comunicada. E êle disse-me: «Dolorosa é a nova, ó faraó, que vai dar-te aquele que no teu esplendor tem vivido sempre lial ao seu rei. Da bôca de nojento reptil que deve ter forma humana, ouvi há pouco êste final de conversação: *...e aquela que tem a palavra de Aten de hoje a cinco dias à hora da refeição nocturna te instruirá como os conjurados deverão agir*».

Escusado será dizer-te, ó Nofer-hotep, continuou com tristeza o rei, quem é aqui no palacio aquela que tem a palavra de Aten, da mesma forma que facil é adivinhar qual o fim que os conspiradores têm em vista.

A Nofer-hotep não custava nada a conceber que a fanática rainha entrasse numa conspiração para dar a morte ao esposo; e não podendo conter-se, indignado exclamou:

— E tu, ó rei? Por que esperas para esmagar tanta perfidia?

— Nofer-hotep! Nofer-hotep! Então é verdade, meu irmão? e muito desgraçado:

— Achas que não possa haver engano com respeito àquela a quem a voz maldita se referia? O' meu querido irmão!... e o infeliz monarca chorava. Depois:

— Faraó!... O divino!... O' deuses, o que pode êle contra o coração da mulher amada que o ódio torna da dureza do granito?

Pelos *rometu*, pelo sossêgo de Qemt mudei a côrte para o seu antigo local... e vós, ó deuses, o que me fazeis?!

O' Isis, tu que choraste o teu divino esposo! O' deusa-mãe, tu que conheceste o sabor das lágrimas e a agudeza do desgosto!... Ela!... a quem eu tanto queria!... Faraó?!... Para quê?

— Ocultos estão sempre os fins para a realização dos quais os deuses fazem obrar os seus filhos. Lembra-te desta verdade, ó Tut-Ank-Amon!

— Razão acho no que afirmas, irmão Nofer-hotep; e, para to provar, dir-te-hei que foi a grande dúvida que no meu espírito nasceu e que sinto ser causada pelos deuses, que me levou a chamar-te com tanta

brevidade a Ta-apé. Quero ouvir com os meus ouvidos e ver com os meus olhos o que vai passar-se amanhã na câmara da rainha; mas isto sem que os convivas notem à mesa a falta do faraó.

— Compreendo, ó Tut-Ank-Amon, respondeu o noivo de Ti. Amanhã á noite sem intervenção da magia o faraó estará em dois logares ao mesmo tempo: na sala do banquete a fim de que os conspiradores de nada desconfiem; nos aposentos da rainha para se certificar da infâmia e... fazer justiça.



CAPÍTULO IV

❖ ❖ ❖ ❖ ❖ ❖ ❖ ❖

*Mulher! Tirar-lhe-hás
a vida ao dar-lha! ❖ ❖*

O espelho de bronze reflectia um rosto de escravo que se ia gradualmente transformando no do faraó. Nofer-hotep cortava as suíças para desempenhar o importante papel que lhe fôra confiado. De repente, porém, como que originado pelo bafo do jovem, a polida superfície metálica tornou-se baça e sôbre ela nos mesmos caracteres de fogo do obelisco mostrava-se escrito :

Tirar-te-há a vida ao dar-ta!

Assombrado o irmão do rei fez um movimento sacudido; por um instante fechou

os olhos e, quando olhou outra vez para o espelho, só o seu rosto ansioso êle viu. Sentiu um estranho sabor e notou que pelo gesto inconsciente que fizera, se havia cortado num canto dos labios.

Relembrando o misterioso acontecimento passado poucas horas antes da sua última partida para Kut-Aten, o noivo de Ti era acometido por terriveis pressentimentos ao envergar o régio *shenti* ou saiote de avental triangular, e ao cobrir a cabeça com o *klaft*, o capuz de tecido riscado cujos pendentês êle compôs sôbre o peito.

Ao trocar as suas pelas riais sandálias do irmão, de cabeça baixa o moço egípcio pensava, pensava e cada vez o seu semblante se tornava mais sombrio.

Nesta cela secreta no interior do palacio — onde nenhum barulho exterior chegava e onde no maior segrêdo pela primeira vez no mundo os trajes do faraó eram vestidos sem a assistencia de cortesãos — Nofer-hotep naquela posição se conservaria sem dúvida por muito tempo, se não fora a chegada de Tut-Ank-Amon.

Admirou-se o rei mais uma vez da espantosa semelhança entre êle e o irmão; e, recebidas as últimas instrucções, passou o falso faraó aos aposentos do verdadeiro, onde êste o deixou para se dirigir à galeria secreta que dava acesso a uma espécie de nicho donde por dois orificios se via em parte e se ouvia nitidamente o que se passava na sala privada da rainha.

Ensaíados mais uma vez alguns gestos particulares do irmão, appareceu enfim Nofer-hotep aos cortesãos que na ante-câmara aguardavam o monarca para o conduzirem à última refeição dêsse dia.

Deu entrada o pseudo-faraó na magnífica sala dos banquetes. Imediatamente uma música sonora e bárbara se fez ouvir, enquanto a clara e forte voz do general Hor-em-Heb comandava «Saudação ao faraó» aos veteranos da legião de Amon, que como estátuas adornavam os pedestais das policromas colunas gigantescas de granito de Syena.

Próximo viu Nofer-hotep a sua amada Ti que, despreocupada mas triste, agora

que a refeição começara, trocava algumas palavras com a dama Nofritari, espôsa dum grande do sul.

Aplaudia-se intimamente o irmão do rei por não haver contado nada à amante que, sabendo-o ali, certamente estaria perturbada, olha-lo-hia e faria convergir sôbre êle mais olhares de soslaio do que aqueles de que estava sendo alvo.

As inúmeras espécies de vinhos que acompanhavam as variadíssimas e escolhidas iguarias, desprendiam a língua aos convivas que desesperadamente guardavam o silêncio de que o faraó havia tempo revestia as refeições, circunstancia que o falso rei avisado pelo irmão aproveitava em seu favor falando raras vezes.

Findava o banquete, quando os presentes viram o faraó, que se encostara ao espaldar da cadeira, ter um sobresalto e levantar-se dum pulo. Ao fazer isto, o rei dera um grito e empalidecera.

Êsse grito de pavor que fôra entendido por todos, somente por uma criatura foi conhecido e assim, Nofer-hotep — quando

procurava o estilete envenenado que, oculto na talha das costas da poltrona, o acabava de ferir — no meio do grupo de cortesãos que alarmados o rodeavam, viu junto da cara dêle, muito junto, o lindo rosto de Ti que a angustia tornava mais lindo.

A horrorosa verdade foi compreendida por todos: ao faraó pouco tempo restaria de vida. O alvoroço dos espectadores transformou-se, porém, em espanto mudo, quando viram a dama Ti colar os labios ao dorso ferido daquele que êles julgavam ser o rei e sugar, sugar a peçonha que a ponta metálica aí havia deixado.

No rosto de Nofer-hotep houve um clarão de esperança; e os cortesãos admiravam aplaudindo o procedimento da bela jovem que sem hesitar para salvar o soberano corajosamente se expunha ao perigo do fulminante toxico.

Apareciam agora os *psyllos*, os feiticeiros, que no antigo Egipto auxiliados pela complicada alquimia de então com tanta facilidade salvavam e perdiam vidas. Mas a linda apaixonada não largava e, sorvendo,

sorvendo sempre a mortífera peçonha, insuflava no adorado corpo a vida que estivera prestes a esvair-se.

*

* *

Tut-Ank-Amon chegou ao seu posto de observação e por um dos pequenos orifícios viu que a rainha repousava de costas para êle num riquíssimo canapé de electrum.

Desejava e não desejava o infeliz rei presenciar o que ia passar-se em breves momentos. O seu coração pulsava violentamente dificultando-lhe a respiração; tinha sêca a garganta; os ouvidos zuniam-lhe. Tremenda era a angústia do faraó; e o tempo passava com lentidão cruel, mas passava sempre, sem que qualquer facto anormal se desse na câmara contígua. A falta de arejamento do acanhado local e a incômoda posição juntavam o martirio fisico ao suplício moral que roía Tut-Ank-Amon.

Horas se consumiram assim, até que súbitamente chegou aos ouvidos do tortu-

rado soberano, indistintamente a princípio, mas tornando-se gradualmente mais nítido, o barulho de vozes alteradas. Sentiu passos sôbre os tapêtes dos aposentos da rainha e, junto dela, o faraó viu aparecer uma dama de honor que aflita tentava desperta-la.

O tumulto lá fora crescia. A recém-chegada que sacudia agora fortemente a régia adormecida, teve uma leve hesitação; voltou-lhe o rosto, mas êsse rosto... era o de um cadáver...

— Ela também assassinada!? exclamou a dama num movimento de horror; e desapareceu clamando socorro.

Ao ouvir esta frase cuja significação imediatamente adivinhou, o faraó sentiu a cabeça tornar-se-lhe num vazio negro; não pôde reagir e num murmúrio que ia crescendo, crescendo até ser um berro doido, repetia:

— A rainha, morta!... Nofer-hotep, morto!... E foi Tut-Ank-Amon que mandou para a morte o irmão!!... Ah! Ah! Ah! — gargalhava.

E o rei, a quem a grande dor tornava mísero e medonho, saído do esconderijo

avançava sem ver como um autómató através duma parte do palácio — deserta agora, em virtude da corrida à sala do banquete e à câmara da rainha — até que, ao completar um passo, um dos seus pés não encontrou apoio e... dum vão não resguardado dum dos andares superiores, uma sentinela, no cais, viu um corpo humano descrever uma parábola até às negras águas do Nilo.

O carpir do líquido ao recebê-lo, os tons argênteos que o régio corpo momentaneamente lhe comunicou, as minúsculas ondas que lamberam os cascos das embarcações mais próximas, foram as manifestações únicas que se deram à partida para a Longa Viagem do Rei do Alto e Baixo Egipto, Filho do Sol, Neb-Kheper-Ra Tut-Ank-Amon, dotado de vida eterna.

*

* *

Nofer-hotep, ao sentir-se livre da morte pela oportuna e corajosa intervenção de Ti, foi assaltado por tão grande alegria que,

esquecendo-se completamente do papel que representava e do lugar onde estava, perante a côrte crescentemente assombrada, enlaçou a noiva num abraço longo e forte beijando-lhe sofregamente, brutalmente, aquela bela bôca que acabava de lhe salvar a vida.

Os austeros conselheiros e os sacerdotes interrogavam-se com olhares discretos ao presenciarem estas manifestações de reconhecimento, sem dúvida muito agradáveis de fazer a uma criatura como Ti, mas muito pouco próprias da pessoa dum faraó.

Não teve, porêm, tempo a côrte para nessa ocasião fazer uma critica completa do que via, pois que o rei combaleava nos braços da dama Ti e, se não fôra o auxílio prestado por Hor-em-Heb, aquela sem forças para o suster te-lo-hia deixado cair desamparado. Desta vez era certo. O rosto do faraó convulsionado enegrecia e dos seus labios semi-paralisados a desesperada Ti ouviu num sôpro :

— Tanto!... trinta e três...

Uma contracção mais; o branco dos

olhos que aparece ; um curto estertor . . . e a profecia de obelisco : Mulher ! tirar-lhe-hás a vida ao dar-lha ! acabava de realizar-se.

Ti salvara Nofer-hotep, mas o beijo, o longo beijo que a paixão tornara brutal, abrira-lhe a ferida do labio que algum tempo antes êle havia feito ao barbear-se, e o veneno pela bôca da amada fôra-lhe introduzido outra vez no sangue.

Eis a razão por que Nofer-hotep, o noivo da dama Ti e fidelissimo irmão do faraó, foi encerrado no sarcófago que ainda hoje se supõe conter a múmia de Tut-Ank-Amon, o infeliz rei de cuja morte só um obscuro soldado sem a mais leve suspeita o acaso fez espectador.

*

* *

E a Ti ? A linda e dolorosa Ti, depois de tanto chorar que dos seus magníficos olhos rasgados toda a luz desapareceu, um dia há trinta e três séculos . . . deixou também a Terra, a *grande moradia de Seb*.

CAPÍTULO V

❖ ❖ ❖ ❖ ❖ ❖ ❖ ❖

*Trinta e três vezes cem
anos que passaram :: ::*

E passaram os trinta e três séculos que não foram mais do que um segundo a ligar a Eternidade passada com a Eternidade futura! Sumiram-se os três mil e trezentos anos, e a Terra que o Sol arrasta na sua vertiginosa queda, continúa no mesmo ponto do Infinito!

Foi ontem, há um segundo, há um instante que Nofer-hotep e Ti deixaram a Terra.

Mas nesse instante, ó efémera humanidade! quantas Tis, quantos Nofer-hotepes nasceram, se amaram, gozaram ou sofreram e morreram?

Passageira humanidade em cujo seio a

toda a hora se estão encontrando almas que já se amaram ou odiaram, que em tempos esquecidos juraram adoração ou aversão eterna, recordai-vos!

A vossa noiva em quem vós todos os dias encontrais novas perfeições que vos encantam . . . olhai-a profundamente nos seus belos olhos puros e liais . . . Então? Não vos lembrais? Há milhões de séculos . . . sôbre a Terra ou sôbre um planeta do sistema solar de Sirius?! . . .

E vós, ó linda donzela que a paixão torna divina, também vos esquecestes?

Fazei um esforço, abandonai-vos contra o rijo peito dêle, respirai-o . . .

Não o conheceis também? Não teria êle morrido por vós ou vós por êle noutras eras nas márgens do Nilo ou do Eufrates? . . . ou, mais longe ainda não vos teria êle livrado um dia das garras do grande urso, quando à porta da caverna ansiosamente o esperávas desprevenida?

O' mulher, ó homem, que amais e sois amados! . . . Mas lembrai-vos, por Deus! Foi ontem . . . aqui mesmo! . . .

Pois o que são os séculos na Eternidade e os milhares de quilómetros no Infinito?

Instantes, só instantes no Tempo e no Espaço.



CAPÍTULO VI

☛ ☛ ☛ ☛ ☛ ☛ ☛ ☛

*—Se então houvesse luar,
tê-la-hia visto melhor :: ::*

Havia quatro meses que o corpo da misteriosa morta da Praia da Ursa — depois de ter sido reconhecido por Alberto e Ricardo como sendo o da jovem a quem haviam prestado socorro — fôra enterrado no cemitério de Almoçageme.

Todo o Portugal se emocionou com a extraordinária tragédia e os três amigos bastas vezes foram importunados por zelosos repórteres, já que por felicidade a polícia pouco os incomodou em virtude das muitas testemunhas que os haviam visto entrar no hotel acompanhados da mulher que horas depois os abandonara para se suicidar.

Extensos artigos e inúmeras fotografias publicou a imprensa sôbre o assunto, mas nunca a identidade da infeliz senhora foi conhecida; e, como o tempo ia passando, passando ia também da memória do público o drama da Praia da Ursa.

O mesmo não acontecia, porêm, com os três companheiros, pois não havia ocasião em que se encontrassem, que não fôsse citada a linda suicida a quem haviam socorrido e que salvara um dêles.

A alma da desconhecida acompanhava-os; mas a José Miguel especialmente — em consequência, com certeza, das circunstâncias particulares em que vivera a aventura — o pensamento naquela por quem inutilmente se sacrificara, não o deixava um momento e dia a dia uma grande tristeza fôra substituindo a sua habitual alegria.

Viam isto Alberto e Ricardo que intrigados trocavam impressões sôbre a crise que o amigo atravessava, prometendo um ao outro nunca mais fazerem na presença dêle qualquer alusão ao sucedido.

Mas isso era inútil, pois era José Miguel

quem abordava sempre o assunto: recordava os mais pequenos factos da noite trágica, discutia-os com animação; súbitamente calava-se e os seus dois grandes amigos viam-lhe uma lágrima mal reprimida seguida sempre duma despedida rápida.

Os três rapazes conheciam-se havia bastante tempo. Encontraram-se pela primeira vez numa manhã dos meados de outubro, no velho átrio do Instituto Superior Técnico e, passados cinco anos de convivência e de inúmeras provas de amizade recíproca, um dia disseram adeus à feia escola; José Miguel de Oliveira e Ricardo Noronha com os diplomas de engenheiros químicos, Alberto Alves da Mata feito engenheiro mecânico.

Este último arranjou logo colocação na Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses; os outros dois, passadas algumas desilusões, com a ajuda dumas dezenas de mil escudos dum tio de Ricardo conseguiram, o que se lhes afigurava então o ideal supremo, montar uma pequena fábrica . . . de produtos químicos, como êles desejavam.

Foi-lhes, porém, oferecida em muito boas condições uma fábrica de material eléctrico. Os dois amigos a princípio nem a quizeram ver; mas um intermediário esperto arranjou as coisas de forma que um dia Alberto fazendo uma cara que metia dó, ouviu os seus dois amigos declararem-lhe que iam dedicar-se à fabricação de aparêlhos de electricidade, pois, asseguravam êles, nunca tinham tido muita inclinação para a química.

Esta modificação de vocações — o que acontece mais vezes na vida do que muita gente supõe — para os dois rapazes teve ótimas consequências, pois que presentemente, para começarem devagar, os interruptores, comutadores e tomadas de corrente davam-lhes tanto ou mais dinheiro do que as graxas, perfumes sintéticos e insecticidas com que primitivamente os dois heróis pensavam inundar o mercado.

Apesar das idades dos três estarem compreendidas entre vinte e quatro e vinte e sete anos — ocupando, sob êste ponto de vista, respectivamente José Miguel e

Alberto os extremos — nenhum dêles era casado.

Ricardo namorara em tempos uma interessante prima à qual escreverá durante dois anos uma dúzia de cartas; mas um dia um pouco impressionado participou aos amigos que a deliciosa criatura havia substituído as suas resumidas provas de affecto pelas dum outro cavalheiro, que indubitavelmente era mais pródigo em amorosas missivas.

Alberto estava na presente ocasião apaixonado por uma dama a quem, há uma semana — desde que estava em serviço nas oficinas de Campolide — via todas as manhãs passar no combóio de Vila Franca. Quanto a José Miguel, não sendo um tímido, antes pelo contrario — pois a sua alegria comunicativa, a delicadeza natural e o seu espirito, às vezes um pouco picante, o tornavam sempre o eleito de qualquer grupo de mulheres inteligentes — contudo nunca lhe fôra conhecido um flirt, pois para êle, segundo dizia, não havia uma mulher, mas sim muitas, muitas, às

quais, quando lindas, igualmente a todas queria.

Uma das grandes distrações dos três amigos eram os passeios a pé, sendo esta a razão única por que, na noite do drama, se encontravam acampados na formidável Praia da Ursa, onde pensavam gozar durante uma semana os encantos desse pedaço maravilhosamente belo das costas de Portugal, em que o excursionista por certo não sentiria admiração excessiva, se de entre os grandíssimos rochedos que o reduzem a formiga, ou no meio da revôlta espuma do revoltado Oceano que berrando o torna surdo-mudo, visse aparecer, qual blindado tank ou vaso de guerra, algum gigantesco, horrído e feroz representante da fauna antidiluviana.

José Miguel cuja familia se resumia a uma irmã casada residindo fora de Lisbôa, vivia com Ricardo em casa da mãe dêste, uma santa viúva, irmã daquele tio que generosamente tornara possível a realização do sonho dos dois amigos; Alberto, o mais velho dum rancho de filhos de dois

ainda vigorosos velhotes algarvios, fora das suas ocupações como engenheiro da C. P., passava a vida, coitado, de pensão para hotel e vice-versa.

José Miguel, sem possuir dotes físicos que o tornassem notável, era o que entre as mulheres vulgarmente se chama um homem simpático.

Se juntarmos que o seu rosto, um pouco enérgico, sempre barbeado, continha dois olhos muito liais, que era castanho-escura a côr do seu cabelo perpetuamente revoltado; e que, sem ser o dum hércules, o seu corpo de dimensões regulares era de explêndida constituição — como o provara a rápida cura do perigoso ferimento de há meses — pode talvez fazer-se uma ideia do personagem principal desta história nesta ocasião sentado a uma mesa do Café Martinho, olhando distraidamente as centenas de pessoas que todas as noites durante as primeiras horas ali entram.

Apareceu Alberto que de longe, em virtude da grande afluência, o chamou. José encaminhou-se para o amigo e em breve

estavam ambos fora do Café onde os esperava Ricardo com um comum conhecimento discutindo qualquer facto que pouco interessava aos dois que se aproximavam, pois que êstes se conservaram afastados.

— Que dirias tu a uma volta pela Avenida com esta magnífica noite de luar? perguntou José Miguel.

— Não acho mal, respondeu Alberto, mas, francamente, em vez da Lua, preferia ir admirar uma estrêla que se estreia hoje no Salão Foz... mas não, não... visto queres, vamos antes para a Lua.

Nêste momento, Ricardo, livre do interlocutor, aproximou-se e informou que considerava de evidente mau gôsto as pessoas que escolhessem uma imponente noite de janeiro como aquela, para se encafuarem em qualquer sala de espectáculos. Fazia frio, era certo; mas que remédio melhor contra êle do que um pouco de exercício?

Alberto ainda demonstrou a superioridade manifesta duma estrêla sôbre a Lua, mas sem resultados práticos, e ao

passarem os três junto da Calçada da Glória, perdeu de todo a esperança, pois que Ricardo, piscando o olho a José Miguel, fazendo menção de despedir o amator de astros com luz própria, disse:

—Então, até amanhã. Estimo que a conçonetista seja bonita.

—Burros! Preferem zurrar à Lua! respondeu amuado Alberto, mas não abandonou os amigos.

Encontravam-se próximo do Teatro Avenida, quando em seguida a um curto silêncio depois duma discussão cuja causa fôra uma elegante mulher que com êles cruzara, José Miguel murmurou, mas não tão baixo que os seus dois amigos não ouvissem:

—O que será a Praia da Ursa numa noite como esta?... e com amargura:— Se ao menos então houvesse luar...

Ante a evocação dos angustiosos momentos, tão nítidos ainda na memória dos três companheiros, na noite fria uma aragem mais fria fez tremer Ricardo e Alberto.

—Se houvesse luar, respondeu êste último, não teríamos nós sentido uma parcela

da afição que, por muitos anos que viva, nunca poderei esquecer.

— Se nós então podessemos ver, disse Ricardo dirigindo-se a José, não te haveríamos suposto morto, querido amigo, e por isso ser-nos-hia menos desagradavel recordar essas coisas passadas... olha lá, sabes que amanhã é o dia dos anos do tio Manuel que nos convidou a todos para...

— Se então houvesse luar, interrompeu José Miguel tristemente, te-la-hia visto melhor.

— Essa agora! exclamou Alberto. Se é da morta de quem falas, não a observaste tu suficientemente na bem iluminada sala de entrada do hotel da Praia das Maças?

— Suficientemente, dizes tu? respondeu José Miguel muito comovido. Vê-la suficientemente!... Nem que eu passasse junto dela uma vida inteira!...

— Então, José? atalhou Ricardo. Conheci-te sempre como um rapaz de senso. Que devo eu pensar do que acabas de dizer? Com franqueza, amigo, dar-se-há o

facto de que tu sempre com tanta linha te tivesses enamorado da morta a quem por acaso conheceste e com quem conviveste o máximo cinco horas, uma boa parte das quais estiveste com os sentidos perdidos?

José Miguel guardou silêncio durante algum tempo; por fim ia falar, mas com desalento abanou a cabeça e era agora êle que, querendo mudar de assunto, dizia:

— Então amanhã, para casa do tio Manuel...



CAPÍTULO VII

:: :: :: :: :: :: :: ::

A Aventura de Alberto.

Havia uma hora que o *Sud-Express* saíra da Estação do Rossio.

Com a fornalha bem alimentada e o regulador todo aberto, a negra e comprida locomotiva rebocava vertiginosamente os luxuosos vagões da Companhia dos Grandes Expressos.

Á cabeça da veloz bicha de corpo acastanhado, o maquinista consciente da sua responsabilidade tinha movimentos felinos, espantosamente rápidos: agora à esquerda um disco lá ao longe; um instante mais, a gare;... na frente do combóio que doidamente avança, um trem de merca-

dorias à descarga junto a um cais; cem metros, dez... mas desviado como por invisível mão possantíssima, o expresso com as vidas que conduz, afasta-se da destruição, porque a agulha estava feita; pela direita uma curva que desce; operam-se os freios e os cepos apertam os aros das rodas que guincham; depois há que subir; umas pàzadas de carvão... passam mais faúlhas da caixa de fogo pelos tubos para a caixa de fumo... as partículas de vapor martelam mais violentamente os êmbolos... e a ruidosa cobra metálica vence o obstáculo.

E a bicha foge, foge sempre do ponto onde tragou os passageiros, aos quais os pesados vagões — com o seu particular arranjo das *bogies* e das molas transversais de suspensão — inspiram confiança, como se afinal a segurança dos viajantes não fosse função de quantidades mínimas, por exemplo, uns centímetros entre a roda e o cepo do freio, meio palmo entre a ponta da agulha e o carril...

Mas o combóio continuava a sua mar-

cha e na carruagem Lisbôa-Paris, no salão Lisbôa-Pôrto e por fim no vagão restaurante raro seria encontrar alguém que estivesse pensando se havia ou não escrito, antes de embarcar, as suas últimas vontades. Na carruagem do Pôrto a concorrência não era muita e por isso com facilidade encontraríamos, logo que nela entrássemos, uma cara conhecida que não mostrava indícios de interêsse nem pela paisagem que se desenrolava em frente das largas janelas, nem tão pouco pelos companheiros de viagem. Com um pequeno livro que familiarmente consultava, mais uma mala de mão o engenheiro Alberto Alves da Mata dirigia-se em serviço da Companhia às oficinas do Entroncamento.

Ao restaurante, onde os almoços haviam começado, principiavam a afluir passageiros da carruagem internacional e naturalmente o nosso amigo fechava o seu formulário de engenharia e observava agora a cosmopolita procissão que por êle ia passando: um gordo alemão com cabelos côr de espiga de trigo que falava animada-

mente com uma esgrouviada patricia de meia idade; um elegante par portuguez, ambos morenos, ela bonita; um colosso americano com maxilas brutais que, apesar de irem em breve trabalhar, esmagavam ainda o pipo dum cachimbo; uma lindissima inglesa, olhos azul da Prússia, caracóis côr de tabaco turco e... uns pézinhos um pouco compridos, que lhe iam muito bem; três pintalgadas francesitas com ares bastante insolentes, que lhes ficavam ainda melhor; um espanhol pequeno com óculos enormes; outro par luzitano de manifesto mau gôsto, pois ela mostrava uma das mãos, liberta da luva, carregada de aneis e êle em viagem usava chapéu de côco.

Agora da porta do salão despontava um vermelhissimo e gigantesco diabo, a quem Alberto daí a pouco classificava por pensamentos e palavras como sendo o inglêz mais bruto que na sua vida tinha encontrado.

Ao passar por êle, um dos respeitáveis pés do britanico comprimiu, sem a mais leve comoção do dono da prensa — não

acontecendo evidentemente o mesmo da parte do prensado — uma das extremidades inferiores do nosso bom amigo. Perante a injúria física o engenheiro não pôde abafar uma expressiva interjeição deitando um olhar algo irado às costas do rubro mastodonte, que majestosamente continuava avançando para a almoço distribuindo aperitivos para o mesmo sob a forma de pisadelas ao resto dos passageiros cujos pés por infelicidade se achavam dentro do raio de acção das suas botifarras de duas solas vestidas de alvas polainas.

O lombo do agressor desapareceu na extremidade do salão oposta àquela por onde havia entrado e Alberto ao recommençar o seu exame, acabava de perder, como êle então pensou, uma oportunidade de ter admirado um valioso espécimen de beleza feminina a avaliar pela estatura e soberano andar da mulher que — envôlta num elegante casaco de viagem azul escuro e velada por ténue véu da mesma côr — precisamente passara, quando êle se voltava, logo em seguida à ocultação

do encarnado filho da nossa velha aliada. Um subtil aroma impressionou a pituitária de Alberto, um perfume agradável, esquisito, mas não desconhecido.

Porêm... Onde?... A quem?... E interrogando a memória, o engenheiro encaminhou-se também para o seu lugar reservado a uma mesa de dois.

Pouca sorte, pouquíssima sorte, pensou o nosso amigo: em primeiro lugar, como companheiro de almoço, o bruto que o havia pisado; depois, a dama que tanto interêsse lhe despertara, bastante afastada e sentada de costas para êle, trocava agora algumas palavras com um sujeito de meia idade: pai? marido? conhecimento de ocasião?...

Com um encantador sorriso o purpúrio esmaga-pés ofereceu logo de entrada ao nosso engenheiro uma salva com variados *hors-d'œuvre*, gentileza que êste daí a pouco retribuía traduzindo livremente por uma garrafa de Colares tinto uma complicada e obscura frase com a qual o seu vizinho enormemente intrigava o criado que os servia.

O misterioso perfume não abandonava as narinas de Alberto que, apesar da conversa sustentada com o inglês a propósito da paisagem que o combóio correndo ia mostrando, poucas vezes desviava a vista daqueles belos ombros, que o maleável tecido azul escuro deixava adivinhar jovens e sãos.

Estava o almoço no fim e a findar a viagem do engenheiro, pois que o expresso já havia passado Santarêm. Alberto sentia uma atracção para a elegante desconhecida — o que de resto não era para admirar em semelhante cavalheiro que «ver-te e amar-te...» — mas essa atracção era bem diferente daquela que toda a mulher bonita exerce sôbre qualquer homem de bom gôsto.

Uma angustiosa necessidade de ver o rosto àquela que usava tal perfume, impunha-se-lhe, e isso quanto antes, pois que daí a minutos o combóio estaria no Entroncamento.

Oh! fez Alberto reprimindo um grito, deixando cair sôbre a mesa e partindo a

chávena de café que levava aos lábios, salpicando de líquido a ferver uma das mãos do inglês que se estendia para o assucreiro.

Lembrava-se enfim!... Mas não... Era lá possível!... Que absurdo!...

Em consequência do acidente da chávena de que resultou o levantar ruidoso do pouco fleumático escaldado e a aproximação rápida dum criado, factos que chamaram a atenção de toda a carruagem, a dama que para comer levantara o véu, voltou-se e viu cravados nela dois olhos muito abertos como os dum alucinado.

E esse alucinado, ela conheceu-o, pois que empalideceu bastante e, passada uma pequena hesitação, ocultou de novo o rosto a Alberto.

Se há momentos na vida que mais tarde ao recordá-los não sabemos o que pensámos ou fizemos nêles, foi êste um para o engenheiro, pois o belo rosto que êle acabava de enxergar num instante... Oh! não tinha a mais pequena dúvida!... era o mesmo que transformado em hedionda chaga vira ao

reconhecer a morta da Praia da Ursa...

O combóio parou...

...Deu o sinal da partida...

E Alberto no cais da gare só quando viu fugir a explicação do grande enigma, só então voltou à consciencia e correu, correu como um doido atrás do expresso que em breve desaparecia levando nêle... um fantasma?... Quem sabe?...



CAPÍTULO VIII

⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮

*Ricardo julga por momentos
que os seus dois amigos en-
doideceram. ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮*

Em frente da grande janela do seu gabinete de trabalho na fábrica, inclinado sobre um estirador, José Miguel naquela linda manhã de sol desenhava um novo tipo de alternador. Agora num godé de porcelana preparava uma aguada violeta-cinzenta-escura para cobrir as superfícies do desenho indicadoras dos órgãos em ferro fundido, que compunham o aparêlho.

Bateram à porta e sem desviar a vista do que estava fazendo, o engenheiro mandou entrar. Apresentou-se um empregado com um maço de correspondência e alguns jornais que a um gesto do patrão foi co-

locar num canto da prancheta em que êste estava trabalhando. Houve uma breve troca de palavras, instruções de serviço, e José Miguel tornou a ficar só.

A dissolução das tintas na água atingiu o tom desejado e o sócio de Ricardo Noronha começou a abrir o correio.

Pouco interessante a correspondência daquele dia. José Miguel desdobrou um dos jornais. Lendo os títulos das diversas notícias, chegou naturalmente à secção da última hora; percorreu rápidamente as duas colunas de que esta se compunha, mas no fim da segunda alguma coisa lhe chamou a atenção, pois que, franzindo a testa, localizou o seu olhar nesta parte do diário. Efectivamente o pequeno telegrama era de sensação:

Londres. — Dizem do Cairo que no Vale dos Reis próximo do túmulo de Ramsés VI, foi descoberto o sepulcro dum rei da XVIII dinastia, supondo-se que seja o de Tut-Ank-Amon, genro do faraó Kuen-Aten.

Esta descoberta de grandíssimo valor arqueológico, pois que ao contrário do que até hoje tem acontecido, o sarcófago do rei parece não ter sido violado, foi devida a Mr. Howard Carter que sob os auspícios de Lord Carnarvon, desde 1906 procedia a metódicas escavações no Egipto.

— Tut-Ank-Amon . . . pronunciou José Miguel quando acabou de ler a notícia. Deve ser interessante . . . e continuou a inspecção rápida do periódico que em breve deixou para recommençar o trabalho interrompido.

Agitou com o pincel o líquido escuro do godé a fim de dissolver melhor algumas possíveis particulas de tinta que se houvessem depositado, e com mão firme principiou a cobrir a base de assentamento do aparelho.

— Tut-Ank-Amon? . . . murmurou. Nunca ouvi falar dêste faraó. E' verdade que para a História tive sempre pouco geito; e sorrindo ao recordar um facto do seu tempo de liceu: — . . . e foi exactamente por ter sido examinado sôbre a história do Egipto que o

velho Antunes, a quem alcunhavam de Boi Apis, me quiz chumbar no quinto ano...

— Diabo da môtca! interrompeu-se; e com a ponta do pincel dispunha-se a salvar um dêstes miseráveis insectos que se debatia no minúsculo lago negro. Mas, ante o olhar espantado do jovem engenheiro, na superfície do liquido contido no godé, deu-se um fenómeno extraordinário.

O pequeno animal, imóvel passado um instante, metamorfoseava-se, tornava-se dourado; junto dêle apareciam uns sinais da mesma côr e, circunscrevendo o estranho grupo, com grande nitidez mostrava-se agora como que uma alongada elípse, formando esta figura:



— Tut-Ank-Amon!... E' verdade!... Mas... Porquê?... fez num sôpro José Miguel com voz que não era a sua.

Esta primeira aparição esvaiu-se dando lugar a outras que, como em liliputiano cinema, sucessivamente apareceram aos seus olhos catalèpticamente imóveis.

Um quarto em que a iluminação difusa deixa adivinhar o maravilhoso colorido da sua decoração mural. Ao centro uma bacia de alabastro com a forma de sarcófago e nela mergulhado em concentrada solução de sal marinho, morto... êle próprio, José Miguel...

Um homem envolto numa pele de leopardo, acolitado por outros cobertos sómente por uma espécie de tanga comprida, ocupa-se em misteriosas práticas; numa nuvem brilhante, uma mulher com a trunfa desgrehada, de joelhos, chora...

Uma câmara mais espaçosa e clara do que a antecedente. As paredes cobertas de policromos hieroglífos.

O homem da pele de leopardo preside agora à preparação duma múmia. Do corpo que estava no banho de cloreto de sódio,

pelo nariz, um cirurgião extrai-lhe o encéfalo. Tiram também ao cadáver os intestinos, o estômago, o fígado e os pulmões que são encerrados em vasos cujas tampas têm respectivamente cabeças de falcão, de chacal, de homem e de macaco.

Começam enfim a ligar o morto com longas tiras de tecido embebidas em variadas drogas... e a mulher chora convulsivamente...

Um rio. Numa das margens uma grande e rica cidade; na outra, para onde o sol caminha, uma impressionante barreira de calcário. Muitos barcos, dos quais um sobressai pela magnificência e tamanho. Nesta embarcação, a meia nau, sob um tóldo suportado por quatro colunas em forma de lotus, o sarcófago do faraó. Aos pés do morto, separado deste por um vaso metálico donde saem vapores brancos de aromas queimados, o sumo sacerdote — sempre com a pele de leopardo — prosegue no cerimonial funerário.

O marítimo entêrro atravessa o rio em direcção ao ocidente. A mulher que chora

— fazendo agora parte do grupo feminino que prosternado e carpindo rodeia o régio ataúde — volta-se, mostra o rosto e . . . José Miguel solta um grito.

As feições são diferentes, mas ela é divinamente linda e, o moço engenheiro reconhece o escrínio carnal que encerrara a mesma alma cujo vôo para a Vida Eterna, há meses, só podera atrazar de horas.

Muito complexos foram os efeitos produzidos em José Miguel por esta alucinação — por sua vez originada, segundo o parecer dum abalisado clínico, pelo seu abatimento progressivo dos últimos tempos — mas o primeiro, aquele sob o qual Alberto o veio encontrar na manhã seguinte ao dia em que chegara do Entroncamento, manifestou-se por uma crise de silenciosa imobilidade acompanhada de grossas lágrimas.

— Mas então o que é isso?! perguntou surpreso o recém-chegado que, depois de entrar abruptamente no gabinete, dera com o amigo naquela atitude sentado na borda dum divã.

Horripelmente desfigurado, e como se

estivesse dormindo com os olhos abertos, José Miguel não respondia.

— Mas que tens tu, homem? interrogava o aflito amigo sacudindo-o. Anda... Olha para mim... Ó José, então?...

O bom olhar do alucinado voltou-se enfim para o amigo e nêle viu êste tanta amargura que, abraçando o infelíz, com carinho continuou:

— O que foi, José? Dize o que te aconteceu... Não posso ver-te assim... e perante os alarmantes sintomas, Alberto crescentemente intrigado e receoso chegou à porta da sala pedindo que chamassem imediatamente Ricardo que, passados momentos ao aparecer, ficou tão espantado como êle.

Esforçaram-se os dois companheiros por fazer falar José Miguel, mas só depois de muito batalharem conseguiram dêle a narrativa do extraordinário fenómeno.

Adivinha-se a impressão que causou a Alberto e a Ricardo o conhecimento dêstes factos, mas ao primeiro sobretudo tais declarações depois do misterioso encontro do expresso despertaram uma tão grande emoção

que o outro chegou a perguntar a si próprio se em seguida a José Miguel e a Alberto não estaria próxima a hora em que, como êles, perderia também a razão.

Agora Ricardo assistia a êste dialogo para êle incompreensivel:

— Mas então, perguntava excitado Alberto, tu também a viste?

— O quê? exclamou José Miguel atônito. Também tu?

Alberto mordeu os labios, hesitou um momento, mas decidido tornou:

— Vi-a, sim, José. Mas vi-a como te estou vendo agora a ti e a Ricardo. Ela vive!

— Com mil diabos! exclamou Ricardo. Que contrassensos estão vocês para aí a dizer? O' rapazes, vocês estão doidos?!

— Talvez tenhas razão, acordou Alberto, mas cala-te e ouve.

— Ouve o quê? tornou Ricardo nervoso perante a maneira pasmosamente natural como um dos amigos proclamava e o outro aceitava um tal absurdo.

— Ouve, sim; cala-te tu, por Deus! ordenou José Miguel.

E Alberto rápidamente, não admitindo interrupções ou duvidosas perguntas, contou a sua aventura do combóio.

Impossível é descrever as modificações que a fisionomia de José Miguel experimentava ao ouvir o narrador.

Agora era uma nuvem negra de tremenda angústia; logo a seguir, a iluminação dum sorriso de felicidade suprema; depois, a noite duma horrenda recordação; a contracção duma dúvida, a alvorada duma esperança... e outra vez a desilusão, a certeza raivosa de que não tornaria a ver aquela a quem chorava, como outrora, segundo a revelação que tivera, ela o havia chorado.

Não se recordava por certo José Miguel da sua vida anterior, mas a verdade é que depois da alucinação de há pouco achava lógicos determinados sentimentos por êle experimentados e cuja razão de ser até aí em horas de corajoso raciocínio lhe fazia repetir esta pergunta: — Mas estarei doido?

A irresistível atracção para Ela na Praia da Ursa, a sublime impressão ao vê-la, ao tocá-la... ao arrancá-la à morte,

depois o negro, o nada... Ao acordar, porém, que doida angustia o assaltara!... e Ela estava junto de si... no hotel falaram-se... Mas... mistério bem grande!... porque seria que na sua memória a bem amada imagem se apresentava sempre, não como nos momentos em que no hotel havia trocado com ela umas breves palavras, mas sim como a havia visto, antes dêle próprio ter desmaiado: inerte, tão pálida! suspensa sôbre o abismo onde morrera. E agora Alberto jurava-lhe por tudo que ela estava viva. Salva! Podia lá ser!

— E' lá possível! discutia Ricardo. Não a viste tu morta tão bem como eu?

— Vi-a morta, concordou Alberto exaltado, vi-a morta, mas affianço-te por tudo o que queiras que há dois dias ela estava viva e bem viva; comendo, falando...

— Mas não há no mundo tanta gente parecida? teimava Ricardo. Não te poderias ter enganado?... Ora dize-me. O que achas tu mais natural, teres encontrado uma mulher que se assemelhe muito à morta ou um cadáver ressuscitado?

— Evidentemente, respondeu Alberto, a mulher que eu encontrei, não podia ser aquela que ambos vimos morta; mas a verdade, embora tu não queiras admiti-la, é que a mulher que salvou José Miguel está viva, ou pelo menos, há dois dias, quando eu a vi pela última vez, vivia e, repito, tenho a certeza de que me conheceu.

— A mulher a quem nós prestámos socorro, amigos, disse dolorosamente José Miguel, sinto-o, desgraçadamente está morta.

— Mas como pode ser isso, homem? replicou teimoso Alberto. Pois se eu digo e repito que a vi! Responde-me, José. Uns olhos como... como os dela; aqueles lábios exprimindo tanta soberania; uma figura donde emana tanta dignidade... Ah!... e o seu perfume?...

— Mas é ela, é ela!! exclamou José Miguel. O seu perfume!... Mas como, meu Deus?... e o infeliz apaixonado soluçava sem saber se de dôr se de alegria.

CAPÍTULO IX

☛ ☛ ☛ ☛ ☛ ☛ ☛ ☛

José Miguel segue o seu destino. ☛ ☛ ☛ ☛ ☛

Durante a semana que se seguiu ao acontecimento narrado no capítulo anterior, Alberto e José Miguel, quais habilíssimos detectives, conseguiram saber coisas interessantes.

Comandadas pelas claras hipóteses do primeiro e pela extraordinária intuição do último, as investigações para o apuramento pelo menos da identidade da misteriosa mulher haviam começado na Agência da Companhia dos Grandes Expressos pela consulta da lista dos passageiros no dia do encontro.

Como referências únicas possuíam os dois improvisados polícias, a pouco vulgar bele-

za da viajante e o seu suposto companheiro, o homem de certa idade, com quem Alberto a vira.

O pensamento contínuo de José Miguel, a orientação da sua energia tornada agora prodigiosa, resumiam-se numa só palavra: encontrá-la.

Hoteis, agências de viagens, consulados, revistas e jornais parisienses e madrilenos que informam das partidas e chegadas, casas de modas — pois qual é a mulher elegante que pode estar muito tempo sem aumentar os efectivos da sua cómoda ou guarda-vestidos? — enfim, nenhuma destas fontes de provável informação foi desprezada. E o certo é que, passados oito dias, os conhecimentos dos dois amigos com respeito à dama da Praia da Urso, apesar de se resumirem em poucas palavras, tinham para êles imensa importância: uma lady Heigham jovem e notavelmente formosa havia estado hospedada durante uns quinze dias antes da tragédia no Avenida Palace. Na manhã anterior àquela em que havia sido encontrado o cadáver abandonara o hotel onde tornara no dia se-

guinte acompanhada por um sujeito de meia idade, satisfazendo a sua conta e dizendo que sairia nessa mesma noite de Lisbôa.

Durante três meses não se lhes descobrem traços a não ser numa conhecida casa de chapéus de senhora, no Chiado; depois são assinalados outra vez no Hotel Metrópole e na Agência Cook, onde adquirem passagens directas para a vila de Visp, na Suíça.

Um diário parisiense anuncia a chegada à capital de M. e M.^{me} Saavedra (ela nascida Lady Heigham), confirmando que se dirige, em jornada de recreio, para Zermatt, aldeia pouco afastada de Visp, nos Alpes centrais, junto ao Monte Cervin.

A pista estava descoberta. Depois disto o que fazer? Segui-la com certeza. Pois quê? . . . Não representava para os três amigos, e muito principalmente para José Miguel, a explicação dêste mistério, importância suficiente que valesse uma viagem à Suíça? Qual o homem que, nos casos de José, não faria o mesmo?

Não é uma viagem sôbre a Terra, por

muito longa que seja, coisa mais natural do que a Grande Viagem, embora para esta última a passagem não custe, por exemplo, mais do que um tostão de cianeto de potássio?

Ora a tal Grande Viagem não era um facto que se não tivesse já mais duma vez apresentado ao abatido espírito de José Miguel como remédio contra o martírio causado por duas formidáveis barreiras que se opunham à realização da sua felicidade: a princípio, a morte; agora, o matrimónio.

Seria ela efectivamente casada como a gazeta francesa o dava a entender?

Mas como esta incerteza do pobre apaixonado, embora o fizesse sofrer consideravelmente, era bem mais suportável do que a aguda dôr continua que experimentara até à revelação de Alberto.

Os dois amigos de José Miguel, apesar do direito conferido pelos laços de amizade que os uniam a êle, não se opuseram à sua partida. Para quê? Conheciam-no bem e eram bastante inteligentes para depois de tudo o que sabiam, estarem certos de que o

querido companheiro seguia o caminho que o Destino lhe traçara quando nascera. Para bem? Para mal? O futuro o diria.

A despedida foi triste e, embora Ricardo e Alberto não tivessem a coragem suficiente para confessarem um ao outro os maus sentimentos que os assaltavam, entre os seus cerebros cruzaram-se duas ondas telepáticas que interferindo destruíram as transmissões recíprocas: « Para sempre ! »

*

* *

Na manhã do quarto dia de viagem José Miguel — apesar de ter sido obrigado a permanecer em Paris cêrca de vinte e quatro horas em virtude da não correspondência do *Sud-Express* com o rápido de Simplon — achou-se enfim em Zermatt, a concorrida estação climatérica e pitoresco centro de excursões, no coração dos Alpes.

Havendo deixado os amigos na gare do Rossio, depois de trinta e quatro horas passadas ora percorrendo o comprido corredor

do *sleeping car*, ora aturando as pouco interessantes conversas do seu companheiro de cabine, um arqueólogo da terra de Schliemann, o nosso engenheiro chegou a Paris, à estação do Quai d'Orsay, ao mesmo tempo que da gare do P. L. M. partia, a caminho de Milão, o *Simplon-Express*.

No dia seguinte vagueou pelas ruas da grande cidade, indo duas vezes certificar-se de que tinha o seu lugar reservado no expresso dessa noite, o que êle conseguira — apesar da grande affluencia de passageiros por causa da época do ano — graças a Alberto, que como engenheiro da C. P. telegraficamente havia obtido bilhete com certa facilidade.

Às oito e meia da manhã immediata descia José Miguel em Visp e, enquanto o comprido expresso corria a entranhar-se uns quilómetros mais adiante no maior túnel da Europa, o nosso viajante num pequeno e vagaroso combóio de cremalheira subia à aldeia de Zermatt, a Proborgne do século XV.

O que fazer quando chegasse? Era a

centésima vez que a si próprio fazia esta pergunta.

Agora que a viagem estava a findar, ao contrário das atrações mecânicas, em José Miguel a grande força que o arrastava para Ela, decrescia, decrescia de tal maneira que chegava a interrogar-se:— E tudo isto para quê?

O esforço físico dos últimos dias sofria agora perto do fim a normal reacção sob a forma de certo abatimento que baixava o moral do viajante. Era natural.

Ao longo da via começavam aparecendo grandes pedaços de neve e de momento a momento o ar, mais fresco e puro, revivificava o cansado organismo de José Miguel, sem que êste desse por isso.

E o combóio parou... Mas não era ainda. Estava-se sim já em Täsch a 1456 metros de altitude; só daí, porém, a uma légua ficava a estação de Zermatt.

... Mais uma rampa de quasi um quilómetro sôbre o rio Visp, que lá em baixo, muito em baixo, os penedos fazem escumar; a colossal pirâmide do Cervin que

imponentíssima aparece aos maravilhados olhos do turista; mais um pequeno túnel e por fim a interessante povoação donde em julho de 1865 partiram para a morte as primeiras vítimas do gigantesco Matterhorn, quatro dos seis companheiros do famoso alpinista Whymper.

Da pequena gare saíam as duas dúzias de recém-chegados, mercadoria que os corretores dos hotéis com olhar entendido procuravam obter em melhor qualidade e maior quantidade.

Pelo seu guia de Baedeker havia José Miguel muito antes de chegar decidido já onde hospedar-se; dirigiu-se, portanto, para um dos ônibus que tinha o letreiro «Grand Hotel du Mont Cervin» e, passados dois minutos, com a sua resumida bagagem, uma maleta, entrava no grande estabelecimento.

Situada no viçoso vale do mesmo nome, Zermatt, ainda ha poucos anos sómente visitada por alguns geólogos ou naturalistas, ocupa hoje um lugar muito notavel como centro de turismo. Durante a época própria os seus magníficos hotéis — cujos

edifícios contrastam singularmente com as pequenas construções de madeira emmalhetada, cobertas de lousa, em que vive o montanhês suíço — além de qualquer erudito interrogador das rochas ou coleccionador de espécimenes da flora alpina, albergam sobretudo musculadas *früulein*, alegres e decididas *misses*, tanto britânicas como *yankees*, e, menos enérgicas mas não menos atraentes *demoiselles* da pátria de Tartarin, às quais, a todas elas, mais aos seus companheiros, as brancas alturas que os rodeiam, convidam à escalada.

O *talweg* do vale é ocupado pelo rio Visp de origem glaciária, que, a uma hora de Zermatt nas chamadas Gargantas do Gorner, corre tumultuosamente por apertado corredor rochoso.

... E dominando tudo o grande Cervin cuja alva cabeleira os vapores envolvem...

— Coisa extraordinária!... Vejamos bem!... Não lembra o Matterhorn a gigantesca esfinge egípcia? fazia a si próprio esta pergunta o nosso amigo, que da janela do seu quarto admirava o colosso.

À sua esquerda ouvia José Miguel o barulho de líquido caindo de grande altura: eram as águas provenientes do Glaciar de Findelen, a queda das quais, para ir engrossar o Visp, é emmoldurada pelos pegões dum arrojado viaduto por onde passa o combóio eléctrico para o cume do Gornergrat, uma das mil e uma excursões que se impõem a toda a gente que em Zermatt se achar.

No termo desta linha — donde a vista abrange o imponente grupo dos titans alpinos, como o Monte Rosa, o Breithorn, o Lyskamm, os dois gémeos Castor e Pólux; onde os olhos do observador se congestionam ao fixarem as brancuras eriçadas dos glaciares — a 3136 metros de altitude, está construido o Hotel do Cume, o Kulm-Hotel.

O nosso engenheiro deixou a janela para se ir meter num banho, o que depois duma noite passada no combóio era coisa de primeira necessidade. Em seguida no restaurante do hotel então bastante animado, pois que era precisamente a hora do almoço, tomou algum alimento.

Por onde começar? perguntava a si pró-

prio, achando sempre respostas, mas nunca uma que o satisfizesse. Temporariamente adoptava a forma mais simples: visto que Lady Heigham, segundo o jornal parisiense, tinha mudado de nome, iria pedir notícias por todos os hotéis duma tal M.^{me} Saavedra; eis tudo.

Mas agora que imaginava ser coisa facil encontrá-la, uma certa timidez se apoderava dêle. O que lhe diria, quando com ela to-
passe? Os momentos por ambos vividos há meses e o enigma resultante davam incontestavelmente direito a José Miguel de a procurar. Mas depois de achá-la, supondo na melhor das hipóteses que ela tomasse o seu encontro por uma coincidência fortuita, como se dirigiria a essa mulher? Por outro lado quem era ela? Uma mulher a quem salvara e por quem havia sido salvo da morte; a mulher que êle amava e, julgando-a morta, chorara como ela numa vida distante o havia chorado tambem. Apesar de tudo isto, porém, que faria êle, se dum momento para o outro lhe apparecesse Lady Heigham pelo braço do marido?

Procurá-la secretamente, sim. Mas ir por esses hotéis perguntar por M.^{mo} Saavedra como se se tratasse dum amigo vulgar, essa falta de tática poderia resultar num tremendo fiasco para José Miguel. E depois, a grande dúvida, seria ela? Se as investigações feitas em Lisbôa tivessem tido início errado?

Por fim o engenheiro assentou no seguinte: não procuraria por Lady Heigham nem por M.^{mo} Saavedra, mas diligenciaria saber em que hotel se encontrava o seu amigo José Miguel Saavedra.

Desta maneira poderia perguntar em toda a parte pelo apelido que lhe interessava esperando certamente, em qualquer altura, obter uma resposta inocente como esta:

— Saavedra?... Saavedra?... Ora espere... Ah! não... e daí, não sei. Mas o senhor não me disse que o seu amigo estava só?...

*

* *

Durante essa tarde, José Miguel correu

todos os hotéis da estancia sem resultado.

Pouco antes do jantar, sob o alpendre envidraçado do Hotel du Mont Cervin, sentado numa cadeira de vêrga, achava-se o nosso amigo. Fazia-se ouvir um estapafúrdio fox-trot que, numa sala contigua, um piano eléctrico tocava e que um par de americanos conscienciosos não deixava desperdiçar, dançando-o.

José Miguel mergulhado nos seus pensamentos pouca importancia dava aos hóspedes que começavam a chegar para a refeição.

Rostos belos com as dermes irritadas pela exposição demorada nas alturas ao ultra-violeta solar; ombros elegantemente nus em que se nota um vergão arroxeadado feito durante horas por uma correia mais apertada pertencente ao equipamento da alpinista; cavalheiros que, depois dum dia passado com as pernas apertadas por grevas e os pés metidos em grossas botas ferradas, agora envergando *smoking* e escarpins, mesmo depois do banho sentem formigueiros nos mem-

bros inferiores e... se coçam furtivamente... nenhum dos comensais tinha a honra dum olhar do nosso engenheiro que em certa altura fez uma cara de espanto, se levantou e, abanando a cabeça, sorrindo, se dirigiu ao gabinete do gerente. Era verdade, parecia impossível, havia indagado em toda a parte menos no próprio hotel em que se achava.

A resposta não se fez esperar: o imaginário José Miguel Saavedra naturalmente não era conhecido, mas no livro dos hóspedes encontrava-se o seguinte registo:

M. e M.^{me} Saavedra
presentemente no Kulm-Hotel, Gornergrat.

Apesar do alvoroço que a sua descoberta lhe causou, ao nosso amigo não passou despercebida a cara que o digno gerente fez ao fechar o livro e ao dizer-lhe:

— Pois visto o seu amigo não ter a felicidade de possuir uma mulher como Madame Saavedra... aqui para nós, mal empregada em semelhante bruto...

— Qual bruto? perguntou José Miguel mostrando claramente interêsse.

— Mas o marido de Madame. É um gigante muito moreno com uma forte barba negra... e os criados não o podem ver. Chamam-lhe o hespanhol avarento, pois com respeito a gorjetas... E depois é muito mais velho do que ela; podia ser seu pai... o mais interessante, porém, é que parecem dar-se como Deus com os seus anjos... Mas agora vejo eu que afinal o estou importunando, pois que o senhor não tem a honra de conhecer Madame Saavedra. E' pena, é uma linda mulher, acabou convencido o agradável gerente.

— Não a conheço, é verdade, respondeu o nosso amigo affectando desprendimento, mas talvez ainda venha a conhecê-la.

Não disse que elles teem os quartos tomados? Naturalmente voltam...

— Pois certamente. Olhe, se o senhor tivesse chegado ontem... ontem, por estas horas, estava ela ali sentada naquele divã conversando comigo. Hoje de manhã partiram os dois para o Kulm-Hotel no combóio que saiu daqui poucos minutos depois de o senhor chegar. Como as gares de Visp e de

Gornergrat ficam tão próximas, quem sabe se o senhor a viu?

— Talvez, acordou o engenheiro; e estimulando o palrador: — Mas com franqueza tenho visto tantas mulheres bonitas, desde que aqui estou, que pelo menos umas dez poderiam muito bem ser Madame Saavedra. E o Gornergrat? E' excursão que valha a pena fazer-se?

— Se vale! Optima condução, esplendido hotel, maravilhoso panorama... vê-se de lá...

— Mas, àlêm do panorama, interrompeu José Miguel intencionalmente, não há mais nada para ver, não é assim? Posso, pois, regressar no mesmo dia?

— Conforme... deixou-se levar o falador; Madame Saavedra, por exemplo, disse-me que contava lá estar uma semana.

O nosso amigo não precisava de saber mais nada. Aturou um pouco mais o humilde admirador de Lady Heigham e, quando se achou livre dêle, o seu maior desejo era ver-se quanto antes no cimo do Gornergrat.

CAPÍTULO X

❖ ❖ ❖ ❖ ❖ ❖ ❖ ❖

O Encontro :: ::

As duas únicas construções que existem no quási sempre nevado cume do Gornergrat são o hotel e a gare. O primeiro é um grande edificio de três andares em paralelepípedos de granito com uma massiça frontaria limitada por duas torres redondas ameaçadas enquanto a última, pequenina, feita do mesmo material, é comparativamente muito mais artística.

Está o hotel em nível mais elevado do que a estação no último socalco da montanha por assim dizer arrimado ao pico desta, que excede de poucos metros o telhado daquelle.

O grupo de visitantes, do qual fazia

parte José Miguel, subiu, pois, o estreito, íngreme e escorregadio caminho talhado no gelo que da gare conduzia ao hotel.

Chegou enfim a fila dos excursionistas à esplanada do estabelecimento, onde dispersou.

O nosso engenheiro esquecia-se por momentos, gozando o estupendo panorama. Uma grande nuvem velava agora o sol e o firmamento na vizinhança de tanta alvura ennegrecia. Para quem estava acostumado ao lindissimo céu de Portugal, êste espectáculo, lindissimo tambem, impressionava e muito.

Dirigiu por último José Miguel a sua atenção para o sombrio edificio dentro do qual, quem sabe? se jogaria a sua felicidade.

No alto da torre da direita uma mulher admirava a paisagem glaciária com o auxílio duma luneta montada sôbre tripé.

A distância que os separava era grande; mas, mesmo que assim não fosse, ao nosso amigo nêste momento era-lhe impossível ver o rosto à observadora, que o ocultava

em parte pela aplicação dum dos olhos à ocular do aparêlho.

Movia-se o óculo para a esquerda, para a direita, parava; tornava a girar e no fim duns segundos a mulher, como que fatigada de explorar as distâncias, debruçou-se das ameias e olhou para o terreiro onde estava José Miguel.

Por ser a única pessoa que ali se encontrava, ainda de mala na mão, aquele despertou-lhe, sem dúvida, a curiosidade, pois que ela acercou-se outra vez da luneta e num instante o nosso amigo achou-se dentro do campo de visão desta.

José Miguel deixou-se inspeccionar. Mas, quando com muita naturalidade para ver se o exame da sua pessoa havia terminado, pela segunda vez tornou a olhar o cimo da torre, a solitária dama tinha desaparecido.

Pouca ou nenhuma importância deu o engenheiro a este facto — curiosidade feminina, eis tudo! — e entrou por fim no hotel.

Sem a mais leve suspeita, José Miguel acabava de ser visto pela segunda vez des-

de que chegara a Zermatt, pela mulher a quem seguia.

Havia cêrca de vinte e quatro horas que, ao subir para o ónibus do hotel, o nosso amigo de longe fôra notado pela bela desconhecida que se achava a uma janela do comboio eléctrico então prestes a partir, o mesmo comboio que há pouco chegara trazendo-o para o expor novamente aos olhos dela através das lentes da luneta.

Discutir o estado de espirito de M.^{me} Saavedra ao ver José Miguel, é-nos impossivel, pois, como êle, pouco ou nada a conhecemos. Mas o que desde já podemos admitir, sem receio de errar, é que, fossem quais fossem os sentimentos que a presença dêle originasse nela, quando se encontrassem frente a frente, a mulher já estaria preparada e por consequência seria senhora da situação.

Nem ao almoço que se seguiu logo à chegada do combóio de Zermatt, nem à noite, ao jantar, M.^{me} Saavedra deu sinal de si.

De que ela se encontrava no hotel não havia dúvida, pois bem visível no quadro

da numeração dos quartos, no numero 37, lá estava o seu elegante bilhete de visita em papel Watman. Mas que teria sido feito do marido ?

Era evidente que, contra o que havia dado a entender o gerente do «Mont Cervin», não acompanhava presentemente a esposa; se o contrário se desse, o seu nome achar-se-hia ali junto do dela.

Para José Miguel esta circunstância era favorável, mas não pelo facto de que a ausência de M. Saavedra influísse nas actuaes intenções do nosso amigo — não lhe façamos a injúria de pensar isso. Desde que tinha a certeza de que a ressuscitada era casada, a sua lialdade abafava-lhe o coração, iludindo-o com o pensamento de que só a descoberta do enigma o fazia ainda perseguir M.^{me} Saavedra.

Contudo, se algumas explicações que pareciam inevitaveis se viessem a dar entre os dois, certamente que a presença do negro velho complicá-las-hia.

Esta simplificação, porê m, nos planos do nosso amigo foi de pouca dura, pois na

manhã seguinte ao atravessar o *hall* do hotel a caminho da saída, o jovem sentiu-se momentâneamente qual estátua cujo pêso a colasse ao chão.

Na frente dêle sentada junto duma pequena mesa de vêrga, mais bela do que nunca, a desconhecida da Praia da Ursa conversava animadamente com um homem que, apesar de estar de costas, pela estatura e cabeleira segundo a descrição do gerente do hotel de Zermatt José Miguel reconheceu ser o marido dela.

E a admirável mulher, ao aproximar-se o nosso perturbado amigo, fitou-o naturalmente: a sua côr não mudou, os lindos lábios deixavam correr sem o mais leve tremor as palavras que dirigia ao marido e, ainda mais, os desastrados movimentos involuntariamente feitos nesse momento por José Miguel, que admirariam o espectador mais indiferente — como, por exemplo, um barbudo alemão que próximo *diligenciava* acender o seu cachimbo — para ela no seu altivo garbo nem sequer valeram a insistência dum olhar.

O que se passaria dentro daquela soberba cabeça que uma maravilhosa trunfa castanho-escura ornamentava?

Indiferença verdadeira ou simulada?

José Miguel chegara a sair, mas a hesitação foi passageira.

Voltou em seguida, indo sentar-se num sofá um pouco afastado, mas donde podia ver o rosto da enigmática mulher que se apresentava o menos enigmático possível.

De que estava na presença daquela com quem havia falado na Praia das Maças, o nosso engenheiro não tinha a mais pequena dúvida. Admirava-lhe o poder de simulação e admirava-se sobretudo, ó incompreensível coisa!, do sentimento de repulsa em que se havia transformado, desde que a vira, todo o encanto que o arrastara até junto dela.

José Miguel não se conhecia. Quanto mais olhava aquele rosto que adorava, tanto mais era o ódio que sentia nascer em si pela sua dona. No cerebro dêle associava-se à sua actual forma de sentir a impressão experimentada já, quando na Praia da Ursa havia recuperado os sentidos.

Nêste momento a timidez que o amor transmite ao homem, desapareceu por completo do nosso amigo. O Inevitável, adivinhava-o, havia-o assaltado na vida. E agora que êle tinha a certeza absoluta da sua grande infelicidade, agora, longe de o abandonar de vez, a sua energia redobrava para saber tôda a verdade e agir em consequência.

José Miguel levantou-se. A sua vontade — a mesma que há trinta e três séculos desejara a mesma mulher — era tal que, passando junto da desconhecida, ao fitá-la, esta abalada em todo o seu ser, não pôde resistir: o seu olhar esgazeado, a palidez mortal, desmascaravam-na.

E José Miguel afastava-se, enquanto M. Saavedra, procurando conhecer a causa da perturbação da espôsa, dava de cara com o alemão das barbas que, sorrindo de satisfação, aspirava as primeiras fumadas do seu cachimbo, que *enfim* conseguira acender.



CAPÍTULO XI

❖ ❖ ❖ ❖ ❖ ❖ ❖ ❖

*Ø que conta o alemão que
tinha muita dificuldade em
acender o cachimbo ❖ ❖*

A luz da lua cheia caía copiosamente sobre o gelado Gornegrat e, como êle, os seus irmãos que o rodeiam emitiam reflexos de prata polida. Sobre as neves eternas nem uma aragem, a calma absoluta; mas, lá ao longe, por cima do Monte Rosa, duma negridão de nuvens carregadas, de vez em quando, um impressionante relâmpago fulgia... e nem o mais leve ruído.

Eram quási duas horas da madrugada. No Kulm-Hotel tudo dormia ou parecia dormir. Até o nosso amigo apesar das últimas comoções parecia socegar deitado na *chaise*

longue do seu quarto que o luar, irrompendo através dos vidros da janela, inundava.

De repente o adormecido estremeceu; abriu os olhos, sentou-se e escutou. Não havia engano; alguêm mansamente batia à porta do quarto. A'quela hora e naquele local uma visita era para estranhar; por isso o engenheiro sem fazer barulho aproximou-se da porta e esperou. Do lado de fora continuavam a bater e uma voz abafada disse em razoável português:

—Abra, senhor Oliveira. E' um amigo.

Intrigado José Miguel hesitou; por fim deu volta à chave e, recuando até ao meio do quarto, esperando os acontecimentos, mandou entrar.

A porta abriu-se e por ela passou um grande vulto que se voltou para a tornar a fechar, enquanto o jovem num gesto rápido se acercou do leito e, alcançando o interruptor eléctrico, acendeu a luz.

Em frente de José Miguel estava o ale-mão das barbas, que na manhã da véspera se achava no *hall* por ocasião do seu encontro com M.^{mo} Saavedra.

Perante o olhar interrogador do nosso amigo, o *homem que tinha muita dificuldade em acender o cachimbo*, começou:

— Peço perdão ao senhor José Miguel de Oliveira de o vir importunar a esta hora. Mas há certas coisas que lhe quero contar, que o interessam e outras que êste senhor me pode dizer, que me serão de grande utilidade.

— Não compreendo! exclamou o engenheiro.

— E' simples. O senhor Oliveira que é um grande amator de passeios a pé, como o demonstram muitas excursões que tem feito entre elas a que em setembro do ano passado realizou com mais dois amigos à Praia da Ursa em Portugal, acha-se hoje num dos mais pitorescos logares da Suissa; e em vez de se dedicar ao seu sport favorito, passa as manhãs nos *halls* dos hotéis. Como eu tambem adoro o pedestrianismo e nas minhas horas vagas o pratico, pensava que ambos nos poderíamos entender muito bem.

— Continuo a não compreender, respon-

deu José Miguel, a quem tanta precisão intrigava.

— Está bem, meu caro senhor. Tenha, pois, mais um pouco de paciência e continue a ouvir-me... Se me dá licença, sento-me...

Na noite de 20 para 21 de Setembro do ano passado, o senhor e os seus amigos, sem a mais leve suspeita, passaram algumas horas em companhia da assassina de Lady Heigham.

— Mas como sabe o senhor isso?... Que quer dizer com «a assassina de Lady Heigham?» Não está essa senhora viva, aqui no hotel? perguntou surpreendido o engenheiro.

— Reconheço, respondeu o barbudo, que, apesar de amador, tem muito mais tática do que muitos profissionais. Caro colega, responda-me só a isto: E' verdade que o senhor vinha seguindo a mulher que encontrou ontem?... Não preciso resposta. E' verdade!

Agora não sei se sabe com quem tem de haver-se. A mulher está com o pai e esteujeito é um patife que há muito tempo de-

veria ter a cabeça fora... como de resto a sua gentil filha...

— Com o pai? exclamou, assombrado, José Miguel.

— Com o pai, sim, senhor, que se faz passar por seu marido para ambos desnor-tearem a polícia.

— Pois bem, disse o nosso amigo a quem estas declarações espantavam, mas não demasiadamente em vista da revelação por assim dizer intuitiva que tivera quando do encontro do dia anterior. — Presumo que estou falando com um hábil detective, a avaliar pelas precisas informações que tem acêrca dum misterioso caso, em que desgraçadamente me achei envolvido. Desde já me declaro seu aliado. Pode contar comigo. Darei a minha vida para que a maldita assassina seja castigada.

Estas últimas palavras foram ditas com tanta amargura e decisão que o detective perguntou interessado:

— Conhecia Lady Heigham?

— ... Era... Conhecia... Conhecia-a, sim..., respondeu perturbado o engenheiro.

O esperto agente não quis insistir sobre este assunto, reservando isso para futuras averiguações.

— Ora muito bem, senhor Oliveira, chegámos a um acôrdo. Portanto, antes de lhe contar uma história da qual com certeza sómente conhece um capítulo, e esse muito pequeno, deixe-me ter a honra de apresentar-me.

Não sou alemão nem coisa que com isso se pareça.

A minha barba naturalmente negra costumava-a trazer sempre rapada até ha cêrca de sete mezes. Mas, como nessas condições era conhecido pelos sujeitos que nos ocupam, deixei-a crescer e pinte-i-a de amarelo. Sou agente da Polícia Secreta de Buenos Aires, cidade onde nasci e que, como bom argentino que me prezo de ser, amo com toda a minha alma.

O meu nome é Iago Gutiérrez.

Agora oiça, meu caro aliado, oiça o que em oito meses de árduo trabalho, êste seu criado conseguiu saber a respeito das duas prendas que em breves horas terá o prazer

de com a sua ajuda entregar à policia helvética.

Em 1899, Lord Francis Heigham e a espôsa, uma senhora portuguesa, viviam com sua filha Daisy, então uma criança de dois anos, numa grande quinta próximo da vila de Almoçageme, em Portugal.

Um dia naquele lar, até ali feliz, appareceu um antigo conhecimento do Lord que, segundo parece, depois de lhe haver pedido emprestadas umas centenas de libras, passado um mês de vida em comum, em pago do favor do amigo lhe roubou a espôsa.

Os dois miseráveis saíram do país e infrutíferas ficaram todas as pesquisas de Lord Heigham para vingar o seu nome ultrajado.

Apesar deste rude golpe o enérgico inglês, por motivos que desconheço, continuou vivendo em Almoçageme com a filha ainda durante bastantes anos, até que um dia a esplêndida propriedade mudou de dono e naqueles sitios nunca mais se ouviu falar de ambos.

Conseguí saber que haviam então esta-

belecido residência em Inglaterra, em qualquer localidade do condado de Somerset, num velho solar dos antepassados do Lord. Após esta mudança Francis Heigham pouco mais viveu, deixando como tutor de sua filha, Lady Daisy Heigham, então já quasi uma mulher, o coronel James Marney, um parente afastado, mas lial amigo.

Esta primeira parte da história, continuou o detective depois duma breve pausa, foi a última que conheci e se por ela comecei, é somente para tornar a narrativa tão clara quanto possível.

Com respeito à mulher do Lord e ao amante dela, sei que haviam fugido para o Brasil, onde passados dois anos aquela morreu deixando uma filha a quem o pai foi dando sucessivas mães adoptivas com os sucessivos amores que ia tendo.

Chama-se êste homem João dos Santos, conhecendo-lhe eu mais uns cinco ou seis nomes falsos. Tão inteligente como perverso, as suas relações com a polícia datam do ano de 1906 em que, estando empregado como guarda-livros numa roça, por causa

duma discussão relativa a um êrro de contas — que mais tarde se veiu a saber tratar-se dum roubo por êle feito — apunhalou o patrão e, ao fugir, quando um filho dêste, uma criança de treze anos, heróicamente se agarra-va ao assassino gritando por socorro, o miserável estrangulou o valente pequenito.

Daí a dias foi preso, mas em breve se evadiu não dando sinais de si durante cêrca de quatro anos.

Em 1910 e 1911 no Chile o seu nome andou de bôca em bôca como sendo o do chefe duma quadrilha de bandidos que roubavam, matavam, incendiavam herdades, assaltavam combóios, etc.

Em 1914 foi apanhado e condenado à morte; mas na véspera da execução conseguiu fugir outra vez.

Passaram-se tempos e as suas proezas estavam quási esquecidas, quando, há um ano com a sua filha por cúmplice, a linda e danada mulher que nós conhecemos, atraiu um jovem milionário peruano a quem matou, em Buenos Aires, depois de lhe ter extorquido uma grande parte da fortuna.

Fui com outro colega encarregado de os capturar, mas ambos se nos escaparam de entre os dedos como peixes, pois quando os julgavamos em nosso poder, dentro dum solitário chalé cercado por uma brigada inteira, os dois criminosos achavam-se em pleno Atlântico a caminho da Europa.

A família do assassinado incumbiu-me de os perseguir; por isso com autorização do meu govêrno parti no primeiro paquete, tendo com franqueza muito poucas esperanças no bom successo da minha missão.

Desembarquei em Lisbôa em princípios de setembro do ano findo, como poderia ter desembarcado noutro qualquer porto europeu, sómente por ser esta a primeira escala do vapor no continente.

Calcule, porém, o senhor que graças dei eu à minha boa estrêla, quando no dia seguinte ao da chegada no Teatro Nacional durante um intervalo do espectáculo descobri num camarote de primeira ordem a filha do Santos.

Antes do final do último acto ella saíu seguindo-a eu até ao Avenida Palace Hotel,

onde me informaram de que havia dado o nome de Lady Daisy Heigham e se dizia chegada de Londres havia uma semana.

Hospedei-me logo no mesmo hotel e, se não preendi imediatamente a mulher, foi porque esperava que ela me levasse a descobrir o paradeiro do pai.

Passaram-se uns dois dias sem que eu a visse, o que não me alarmou, pois sabia que os dois criminosos ignoravam que eram perseguidos. Uma tarde, porém, durante o jantar, e nessa altura não fui só eu que me admirei, mas também todos os outros hóspedes, vi dirigirem-se para uma mesa muito próxima da que eu ocupava, duas Ladies Heigham ou duas Marias dos Santos absolutamente iguais: as feições, a estatura . . . só o cabelo duma delas era um pouco mais escuro do que o da outra. Se não fosse a diferença dos vestidos, quem observasse as duas belas mulheres, podia imaginar, por instantes, que via uma imagem dupla devida a uma ilusão de óptica.

Confesso que fiquei pasmado. Quem poderia ser a outra senão uma irmã daquela a

quem eu perseguia? Mas qual das duas perseguia eu?

Ouvi-as conversar em inglês, mas tive ocasião de notar que ambas falavam correctamente o português, circunstância que ainda mais me confundia, pois que Maria dos Santos conhece muito bem êste idioma que ela e o pai usam diariamente entre si por ter êste nascido e vivido bastantes anos em Portugal.

A orquestra só me deixou entender algumas frases dispersas do animado diálogo, conseguindo interpretar que combinavam um passeio pelos arredores de Lisbôa, visto que as palavras Sintra, Praia das Maças, Cascais e sobretudo Almoçageme e Estoril foram repetidas bastas vezes.

Findo o jantar dirigiram-se ambas ao quarto de Lady Heigham donde, passadas umas duas horas de enfadonha sentinela, vi aparecer uma delas que segui até à porta da rua. Como a mulher saiu a pé, concluí que não iria para muito longe e efectivamente não me enganei, pois daí a minutos, entrava no próximo Hotel de Inglaterra,

onde consegui saber que ocupava um quarto desde a ante-véspera e que dera o nome de Lola... ora espere... Lola... Lola Martinez.

Ora muito bem. E aqui acaba o que eu sei de certo antes do drama da Praia da Ursa, porque no dia seguinte as duas mulheres desapareceram e só depois do assassinio duma delas consegui outra vez achar a pista da outra... Ah!... não... soube tambem que na manhã da tragédia, do Hotel Estrade no Estoril haviam saído em automóvel, dizendo irem para Lisboa, um sujeito de idade e uma mulher nova os quais identifico como tendo sido João dos Santos e a filha.

Quando dei pelo desaparecimento das duas mulheres, no Avenida Palace disse-ram-me que Lady Heigham havia partido nessa manhã para Sintra, ao passo que no Hotel de Inglaterra me informaram de que Lola Martinez saíra pouco depois de eu a ter visto entrar, pagando a sua conta e dizendo que se dirigia para casa duns amigos a fim de partir com êles no dia seguinte em automóvel para o Pôrto.

Dividir-me em dois e seguir para Sintra e para o Pôrto ao mesmo tempo era impossível. No fim de muito reflectir, porém, resolvi ir a Sintra onde nada consegui, e no dia seguinte dirigi-me ao Pôrto onde, depois de ter gasto dois dias em minuciosas pesquisas, cheguei ao mesmo resultado.

Regressei a Lisbôa completamente vencido, não sabendo o que fazer, quando me chegou às mãos um jornal que me informou do caso da Praia da Ursa.

Uma das coisas que ao ler a notícia me impressionou logo, foi a palavra Almoçagem. Recordei-me da conversa que tinha ouvido às duas mulheres e ao meu espírito veio a suspeita de que êste assassinio, a que todos chamavam suicídio, havia sido cometido pelos dois Santos.

Parti, pois, para o local do drama onde com a maior reserva não só obtive as informações que a princípio lhe comuniquei, mas soube ainda que duas senhoras, uma delas usando um espêsso véu negro, acompanhadas por um homem de meia idade, haviam pedido de beber numa pequena quinta pró-

ximo de Almoçageme algumas horas antes do crime.

Daqui em diante o que lhe vou dizer, embora esteja certo de que pouco se afasta da verdade, não passa do domínio das conjecturas.

Gutiérrez calou-se um momento, encheu de novo o cachimbo, acendeu-o e continuou:

— Ora suponha o senhor Oliveira o seguinte: ao chegarem a Lisbôa, os dois espartos cúmplices, pai e filha, pensam achar-se fora da capital em muito mais segurança contra uma possível perseguição; por isso dirigem-se para o Estoril e hospedam-se no Hotel Estrade.

Maria dos Santos, por qualquer motivo, vai um dia a Lisbôa e acidentalmente encontra-se com Lady Heigham. Em vista da estranha semelhança entre ambas, as duas mulheres — num restaurante, numa loja de modas, enfim em algum sitio onde uma pequena amabilidade pode conduzir a uma longa conversação — falam-se, acabam por apresentar-se uma à outra e, ao ouvir o

nome da interlocutora, o enigma tem solução imediata para a filha do bandido, pois entre êste e aquela não há segredos.

As novas amigas, ao separarem-se, prometem ver-se em breve e, ao regressar junto do pai, Maria dos Santos conta-lhe o interessante encontro.

João dos Santos está velho, precisa de descansar, e eis que se apresenta uma oportunidade para fechar com chave de ouro a sua sinistra vida de assassino e gozar duma velhice descansada e opulenta. A filha do homem a quem traíu, é o retrato vivo daquela a quem êle deu origem — o que, até certo ponto, não é para admirar, pois ambas tiveram a mesma mãe... não tem parentes... se os tem, são muito afastados e, por consequência, pouco zelosos. Além disso — e é êste o grande negócio — há muito, muito dinheiro que tanto faz ser gasto por Lady Heigham propriamente dita como por uma outra Lady Heigham que se assemelha à primeira como uma gota de água a outra gota de água e que repartirá generosamente com o seu extremoso papá.

No inteligente cérebro de João dos Santos germinam diabólicos planos; a perversa filha é posta ao facto dêles; está de acôrdo; aperfeiçoa-os até e . . . toca a trabalhar.

Os arredores de Almoçageme são bem conhecidos pelo bandido. As altas falésias da Praia da Ursa teriam sido até testemunhas dos seus amores infames com a mãe de sua filha. Um saltinho, pensava êle, um saltinho lá de cima esboroa, escangalha, torna desconhecida qualquer pessoa . . .

No dia em que eu assisti, prosseguiu o argentino, à conversação das duas, na sala de jantar dō Avenida Palace, Lady Heigham, hàbilmente guiada por Maria dos Santos, combinava então o passeio a Almoçageme, local que não só gostaria de tornar a vêr depois de tantos anos de ausência, como tambem de fazer admirar à sua nova amiga pelas belezas naturais de que nesses sítios está cheia a costa portuguesa.

Na manhã do dia 20 saem os dois cúmplices do Estoril fazendo crer no hotel que regressam a Lisbôa. Um pouco mais adiante, porêm, sem serem vistos, mudam de itinerá.

rio dirigindo-se para Sintra onde se encontram com Lady Heigham vinda da capital. Como é natural em quem viaja em automóvel, Maria dos Santos usa um espêsso véu que durante o dia nunca tira com o pretexto, por exemplo, de que êste lhe protege a vista contra o demasiado brilho do belo sol português. Para maior segurança, dando qualquer desculpa a Lady Heigham, os dois scelerados abandonam o automóvel que até ali os conduzira e os três tomam uma caruagem que os leva a visitar diversos pontos de Sintra.

Pelo meio do dia seguem para Colares; passam esta localidade; metem-se na estrada que liga a Praia das Maçãs a Almoçageme e, em certo ponto — e se não foi assim que os factos se deram, foi de qualquer outra forma muito parecida — ao cruzarem o portão duma quinta, a um sinal do pai, Maria dos Santos, de modo a não ser ouvida pelo cocheiro, queixa-se de que tem sêde. A paragem depois de algumas horas passadas num incómodo veículo convida a dar uns passos na estrada. Lady Heigham, pois, com

sêde ou sem ela desce do carro e insensivelmente é conduzida por Maria dos Santos para o portão da quinta ao qual esta toca e que lhes é aberto.

Ao ve-las desaparecer, João dos Santos despede o cocheiro dando-lhe uma boa gorjeta e dizendo-lhe ser ali que residem.

Depois do tempo suficiente para a caruagem se afastar, as duas mulheres saem da quinta e Lady Heigham pergunta com certeza muito admirada o que é feito do carro. O bandido responde-lhe que, como haviam combinado, o cocheiro espera-los-há uns quilómetros mais adiante na estrada que liga Azoia de Colares ao Farol do Cabo da Roca, enquanto os três pela borda do mar irão apreciando as maravilhas de que ella fallara.

E' natural que, tendo a certeza de que não haviam combinado nada, a pobre vítima sentisse nessa occasião alguma desconfiança...

— Os miseráveis!... gemeu José Miguel.

— Dirigem-se, pois, os três para o Oceano, continuou o polícia, e naquelas charne-

cas os dois cúmplices fazem por demorar a marcha quanto possível a fim de que a noite os surpreenda para levarem a cabo o seu plano maldito.

Chegam então ao ponto escolhido por João dos Santos que, repito, conhece lindamente o local.

Maria dos Santos que segue pela borda do abismo, em certa altura exclama: — «Lá em baixo, junto à água!... o que é aquilo»?

Os outros dois apróximam-se e... Lady Heigham com um forte empurrão é precipitada da falésia.

E agora, senhor Oliveira, aparece para mim o grande ponto de interrogação: o que se passou entre os senhores e Lady Heigham que, como todos estupidamente admitiram, depois de ter pedido socorro e ter sido salva duma morte horrível, se suicidou escolhendo o mesmo género de morte?



CAPÍTULO XII

❖ ❖ ❖ ❖ ❖ ❖ ❖ ❖

Um auxílio que mata :: ::

Depois de José Miguel narrar, sem omitir o mínimo detalhe, a scena que o leitor já conhece desde o primeiro capítulo, seguiu-se um pequeno silêncio.

À claridade do luar o nosso amigo viu que o argentino sorria, murmurando:

— E' claro!... Eu bem o supunha... é impossível ter-se passado doutra forma... e alto:

— Senhor Oliveira, embora seja espantosa a afirmação que lhe vou fazer, verá que é ela a única explicação do estranho caso da Praia da Ursa: *foi devido ao senhor que lhe prestou socorro, que Lady Heigham não se salvou da morte.*

— O quê?! exclamou fora de si José Miguel. — Devido a mim?... Eu?... Eu que daria, sem hesitar, a minha vida pela dela!... O senhor está doido!... Eu que deveria possuí-la!... A minha Daisy, a minha bem amada a quem só... mas acabe, por Deus!

O hábil agente, embora crescentemente interessado pela atitude do engenheiro, continuou deixando esse assunto para futuras averiguações e prosseguiu com simplicidade:

— Siga o meu raciocínio, senhor Oliveira, e vai ver que não é o de um doido: Imaginemos que nada conhecemos dos antecedentes do drama e recapitulemo-lo, reduzindo-o aos seus factos principais.

Anoitece. Os senhores estão na Praia da Ursa e ouvem uma mulher que grita por socorro; correm a prestar-lhe auxílio; ao subirem a escarpa, o senhor cai e ferre-se gravemente. Não fazendo caso do que acaba de acontecer-lhe, em seguida se oferece para descer aonde está a criatura. Encontra esta desmaiada; tira-a da

crítica situação, ficando sôbre o tronco no lugar dela, enquanto os seus companheiros a içam e colocam ainda sem sentidos pouco afastada da borda do abismo. A hemorragia, porém, causada pelo seu ferimento de há pouco faz com que o senhor se sinta mal e por sua vez perca os sentidos depois de se ter prendido à arvore que o sustêm. Não dando nestas circunstâncias sinais de si, os seus amigos, ao quererem subi-lo, presumem que o senhor caiu lá em baixo e, abandonando a mulher que ainda se conserva desmaiada, descem à praia onde esperam ve-lo feito em pedaços. Isto por felicidade não acontece; os seus dois companheiros tornam, portanto, ao cimo da falésia e desesperadamente discutem o meio de o tirar da perigosa posição. Ouvem ruído atrás dêles e voltam-se: a mulher recuperara os sentidos e instada, depois de hesitar, consente em deixar-se descer até junto de si, a quem faz o mesmo que o senhor momentos antes fizera. Por fim dirigem-se os quatro para Almoçageme, onde encontram um automóvel que os conduz

à praia das Maças. Na manhã seguinte, porém, dão por falta da mulher e o cadáver desta é encontrado na Praia da Ursa, exactamente no mesmo local em que o senhor teria morrido, se não se tivesse atado ao tronco antes de perder os sentidos.

Penso ter enunciado o problema na sua forma mais simples. E agora em primeiro lugar analisemos as causas possíveis da queda da mulher antes dos senhores lhe haverem prestado socorro. São três a meu vêr: por acidente, tentativa de suicídio ou crime.

Faço notar que o facto da mulher ter gritado por socorro em nada exclui a hipótese de suicídio, pois ao ver a morte de mais perto admite-se um arrependimento.

Considerando então estas três causas, parece-me que o suposto desfecho do drama as contradiz a todas elas. Assim a mulher, depois de ter sido salva dum desastre, dum crime ou da morte voluntária de que se arrependera, suicidar-se-hia, passadas poucas horas, escolhendo o mesmo género de morte e o mesmo local.

Mas então, se não se suicidou, das duas uma, ou foi assassinada, ou caiu da falésia durante um sono hipnótico, que se teria prolongado por tempo considerável a avaliar pela distância bastante grande entre a Praia das Maçãs e o sítio onde o seu cadáver foi encontrado.

Desprezo esta última hipótese, pois, como o senhor me disse, não havia no quarto da sua companheira outros móveis em que ela pudesse descançar a não ser duas cadeiras e a cama. Esta mostrava não ter sido tocada. Portanto, se a mulher não dormiu, não podia ter tido um ataque de sonambulismo.

Compreendo a sua objecção: a crise hipnótica podia ter sido provocada, é certo, e aqui entramos na hipótese de crime, mas mesmo assim, senhor Oliveira... não há memória nos anais da polícia de algum assassinio deste género.

No entanto, ao dar-se o caso de a mulher ter sido temporariamente hipnotizada e atraída desta forma pelo assassino que fora do hotel faria exercer sobre ela a sua vonta-

de, só dessa maneira se explicaria o facto de os hóspedes que ocupavam os quartos contíguos ao da vítima, não haverem ouvido o mais pequeno barulho suspeito.

Mas agora chegamos nós a um ponto muitíssimo importante: se a mulher que os acompanhou ao hotel, foi assassinada, o seu assassino teria sido indubitavelmente o mesmo que, horas antes, a tentara matar no mesmo local e da mesma forma, tentativa que o auxilio prestado pelo senhores gorou.

Ora os senhores e a sua companheira transitaram de Almoçageme para a Praia das Maças em automóvel, não é verdade?

E' natural supor que o assassino que os acompanharia a distância encontrasse àquellas horas da noite outro meio de transporte identicamente rápido para os seguir? E se o encontrasse, não teriam os senhores então notado que eram seguidos?

Imaginemos, pois, que o assassino, valendo-se da escuridão, consegue agarrar-se às molas traseiras do carro e que desta maneira vai com os senhores para a Praia das Maças.

Os senhores entram no hotel e êle cá

fora espera o tempo que lhe parece suficiente para que a sua vítima se encontre só no quarto. Faz então uns passes cabalísticos e . . . lá vem a mulherzinha pronta para o sacrifício.

Pela noite de breu o criminoso e a hipnotizada vítima — para não dizer que ela vai no seu perfeito juízo, que opõe resistência, o que complicaria mais o caso — partem para a Praia da Ursa. Passam junto de abismos medonhos onde, por milagre, se não despeñham ambos; chegam enfim; e, no mesmo ponto em que há horas o tentara, o assassino pratica o seu nefando crime.

Há horas, disse, porque evidentemente estas idas e vindas levaram tempo.

O senhor Oliveira sabe, tão bem como eu, que, embora a distância da Praia das Maçãs à Praia da Ursa a vôo de pássaro seja pequena, os acidentes de terreno e, no nosso caso, a escuridão fariam com que o criminoso e a vítima gastassem pelo menos duas horas neste trajecto.

Tendo em conta a hora a que os senhores encontraram o automóvel, seriam pois

quatro da madrugada quando a mulher foi assassinada.

Como conciliar, porém, esta hipótese com os resultados da autópsia que deram a criatura morta desde as dez horas da noite anterior? E esta agora? Que me responde o senhor Oliveira a isto? perguntou o polícia sorrindo com ar de mistério.

— O senhor Gutiérrez acaba de me mostrar à sua maneira não ter sido a mulher que nos acompanhou à Praia das Maças a mesma que morreu; por outras palavras: que a mulher a quem eu inutilmente arranquei à morte, não foi a mesma que me salvou, pois que esta foi connosco para o hotel da Praia e aquela, tenho a certeza, era Lady Heigham. É espantoso! Então eu devo a vida à infame Maria dos Santos, a assassina de Daisy?...

Mas, oiça, ainda não me expôs a razão por que disse ter sido eu o causador de que Lady Heigham não se houvesse salvado da morte.

— Vou explicar-lho já, respondeu o hábil agente; e o senhor verá que daqui a mo-

mentos, depois de ouvir a única reconstituição possível e lógica do crime, estará de acôrdo comigo.

Ora bem. Lady Heigham é empurrada para o abismo pelos dois cúmplices, mas um tronco sustêm-lhe a queda. Grita por socorro. Os senhores correm a salvá-la, enquanto os bandidos, supondo-se sós, diligenciam acabar com a pobre senhora arremessando-lhe pedras, até que ouvem as vozes dos que vêm em auxílio da vítima e à pressa se escondem em qualquer acidente de terreno próximo. O senhor encontra-a desmaiada pela comoção ou em virtude de algum dos projecteis que a atingiu e desmaiada os seus amigos a colocam pouco afastada do abismo.

Mas agora, por o julgarem morto a si, os seus companheiros abandonam a pobre Lady e descem à raiz da falésia onde o procuram à luz duma lanterna. Os criminosos saem do esconderijo; agarram no corpo inerte; levam-no até à borda do precipício; esperam que a luz lá em baixo desapareça e arremessam-no desta vez com o resultado

por êles desejado. Eis, porêm, que os seus dois amigos, a quem a ansiedade dá asas, estão de volta. João dos Santos consegue escapar-se, mas a filha tropeça e cai deixando-se ficar.

Os seus companheiros discutem a maneira de o salvar. Maria dos Santos tenta fugir, mas faz barulho, é descoberta; e a audaciosa aventureira começa a representar o papel de Lady Heigham.

João dos Santos está próximo. Ouve e vê o que se passa, mas naturalmente não intervêm; primeiro, porque tem confiança na filha; segundo, porque, no fim de contas, o senhor Noronha e o senhor Mata são dois rapazes que êle reconhece decididos e vigorosos. Vará-los à bala seria fácil, mas as detonações poderiam ouvir-se no farol e trazerem-lhe novas complicações. Segue, pois, os quatro até Almoçageme e, quando os senhores partem em automóvel, o scelerado por sua vez encaminha-se para qualquer local préviamente combinado com a filha para encontro de ambos, no caso de serem obrigados a separar-se.

Nos infernais e complicados planos de João dos Santos nunca faltaria semelhante detalhe, pode crer.

Seguiu-se um curto silêncio. Depois ouviu-se um soluço abafado e José Miguel murmurava:

— E fui eu... fui eu o causador de que os miseráveis... ó meu Deus, é de mais!... depois de estar salva... se apoderassem outra vez daquele corpo adorado... do corpo dela...

E fui eu... que desgraçado sou!... por ter desmaiado... e porque não me matastes vós também, ó Deus?!... que fiz com que êles a abandonassem, a deixassem à mercê dos bandidos..., e raivoso:

— Mas, Ah! malditos!! Agora é a minha vez! e tacteando a pistola através da fazenda da algibeira, gritou para o detective:

— Gutiérrez, o senhor é um homem ao serviço da justiça, mas eu pretendo fazê-la por minhas próprias mãos. Nestas condições não podemos continuar juntos! E José Miguel, fora de si, abria a porta do quarto, mas enérgico o polícia deteve-o:

— Socegue. Respeito a sua dôr, mas por tudo lhe peço que tenha calma. Oiça o que lhe diz um homem de senso, que neste momento lhe faz o mesmo que o seu melhor amigo. Pense bem! Suponha que o senhor matava os dois criminosos. O que ganharia com isso ?

Para si, passado o prazer da vingança, mais um desgosto a juntar àquele que já o mina, pois que o seu acto o levaria ao tribunal; para êles, uma morte rápida sem o suplício moral, que é o verdadeiro castigo, daqueles que contam as horas, os minutos, até que lhes cortem o colo da camisa ou a trança para que o afiado e pesado cutelo da guilhotina não encontre o mais pequeno obstáculo ao separar a cabeça do tronco.

As palavras do psicólogo polícia tiveram efeito immediato sôbre o nosso exaltado amigo.

— Efectivamente, um tiro . . . murmurou, um tiro é pouco.

— Pense no que vai prometer-me, tornou o argentino, e dê-me a sua palavra de honra que só em defesa própria disparará a

sua arma contra qualquer dos scelerados que vamos capturar.

— Dou-lhe a minha palavra de honra, respondeu José Miguel. Mas avie-se, vamos a êles.

E os dois homens, agora que se aproximava o dia, saíram do quarto.



CAPÍTULO XIII

❦ ❦ ❦ ❦ ❦ ❦ ❦ ❦

*Outra vez o perfume
de Daisy :: :: :: :: ::*

José Miguel e o detective encaminharam-se para a escada principal do hotel adormecido e em breve se acharam no *hall* do rés-do-chão, frouxamente iluminado pela luz cendrada das primeiras horas da manhã.

Caso estranho! Na atmosfera que nessa sala a hermética vedação das janelas e os dois radiadores de aquecimento tornavam incómoda, o nosso amigo aspirou o mesmo inolvidável perfume que uma outra vez, só uma, conhecera, quando inutilmente havia socorrido Lady Heigham.

Nesta ocasião êle estava junto duma mesinha de vêrga colocada próximo duma

janela que Gutiérrez procurava abrir. Sobre o pequeno móvel viu o engenheiro um objecto branco. Deitou-lhe a mão: era um lenço de mulher e d'ele é que emanava o querido aroma.

O policia descerrou as portas interiores: a claridade aumentou e o infeliz José Miguel no delicado pedaço de linho branco viu bordado um minúsculo monograma com um D. e um H.

— A infame profanadora!... gemeu; e com fervor premiu o lenço contra os lábios.

Pela janela agora entrava o frigidissimo ar de fora.

O argentino fez ouvir um pequeno assobio e, passados instantes, apareceram quatro agentes de policia fardados.

— Chegaram há muito? perguntou Gutiérrez em francês ao mais graduado.

— Estamos cá em cima desde as quatro horas da madrugada, respondeu o interpelado; mas, como não éramos precisos antes das seis, recolhemo-nos na gare e só há cêrca de vinte minutos nos dirigimos para aqui.

Seguiram-se as instruções dadas claramente por Gutiérrez e os quatro homens distanciaram-se outra vez para irem ocupar os seus logares, donde dominariam todas as saídas do hotel a fim de evitarem a fuga dos dois cúmplices.

— E agora nós, disse o detective voltando-se para o nosso amigo. — Mas não se esqueça do que me prometeu, heim? Sobretudo muito cuidado com o punhal de João dos Santos.

— Contra o punhal sou autorizado a fazer uso da minha pistola, respondeu decidido José Miguel.

Subiram os dois a escada até ao segundo andar; no patamar pararam e o polícia disse :

— Deixe-me o senhor abrir caminho. A porta do quarto, tive ocasião de ver, é um pouco resistente e difícil de arrombar; mas, como deve supor, estou já um pouco treinado neste género de sport. Eu encarrego-me do bandido. Conheço-lhe as manhas. E ao senhor, se se houver bem com a filha, dou-lhe antecipadamente os meus parabens. Cautela

com os olhos! Fui informado de que a dama sabe fazer uso das garras.

— Em último caso ponho-a *knock-out* com um *directo*, não se aflija. Respondeu o nosso engenheiro um pouco despeitado pelos cuidados do argentino.

— Ah! Vejo que conhece a nobre arte! Belo! Mãos à obra!

Sem fazerem o mais leve ruído, como sombras, apróximaram-se do aposento ocupado pelos assassinos.

Gutiérrez arrimou-se à parede do corredor em frente da porta do quarto, encolheu-se, inspirou com força, e instantaneamente os seus braços e pernas, como fortíssimas molas, retezaram-se despedindo violentamente o seu pesado corpanzil.

O bólido humano chocou a porta. Mas os batentes desta, leves, abriram-se de par em par, indo o desgraçado polícia estatelar-se no meio do quarto que a luz do dia já completamente iluminava.

José Miguel entrou logo atrás do companheiro para o proteger, mas... ó surpresa!... o quarto estava deserto!...

O argentino levantou-se sériamente magoado pela queda que dera em consequência de a porta, que êle julgara oferecer uma certa resistência, se achar simplesmente encostada. Mas não ficou por aqui o espanto dos dois, pois no espelho do guarda-fato José Miguel viu e mostrou a Gutiérrez as seguintes palavras escritas com sabão:

Adios, señor Gutiérrez ! Salud !

*

* * *

A audaciosa fuga dos dois bandidos, porém, só retardou de alguns dias a sua captura.

Havendo-se separado para desorientarem a polícia, João dos Santos foi detido por Gutiérrez na fronteira italiana, não sem ter primeiramente matado com um tiro um dos *carabinieri* do detective, enquanto Maria dos Santos, a fraticida, em Stresa, uma das muito pitorescas localidades do norte de Italia, situada nas margens do Lago Mag-

giore, ao ser presa à ordem de José Miguel, não hesitou em suicidar-se atravessando o coração com uma bala do seu revólver, um grande Colt negro...



CAPÍTULO XIV

:: :: :: :: :: :: :: :: ::

No cemitério :: :: ::

Passaram meses.

Sôbre o pequeno cemitério de Almoçagem, uma nuvem cinzento-escura larga as primeiras volumosas gotas de chuva do outono. Mas, na simples campa de Lady Heigham, juntamente com as águas do céu, caem, ensopando mais ainda a terra que o estio secou, as grossas lágrimas dum homem, que de luto ajoelhado amargamente chora.

A noite aproxima-se e aproxima-se a hora em que, faz um ano, a alma de Daisy abandonou a Terra. O seu corpo, terra agora, está ali a um metro da superfície e José

Miguel, como há trinta e três séculos Ela lhe havia feito, afogado em pranto, amaldiçoã a sua triste sorte.

A escuridão aumenta. Em redor tudo é treva; só o pequenino espaço no solo que marca a moradia do bem amado corpo, a José Miguel no inferno da sua dor parece emitir uma claridade paradisiaca.

E' a hora! O silêncio é absoluto! Suspende-se a evolução universal! O átomo deixa de dissociar-se; a estrêla pára na sua órbita! E José Miguel na fronte febril sente os lábios d'Ela, sente o beijo da noiva que o Destino lhe reserva para outras eras futuras, quando estas duas almas de eleição se encontrarem outra vez, segundo a velha profecia do obelisco tebano:

Mulher! Tirar-lhe-hás a vida ao dar-lha!

Trinta e três vezes cem anos que passam.

Homem! Tirar-lhe-hás a vida ao dar-lha!

Trinta e três vezes cem anos que passam.

Mulher! Homem! Chegou o vosso momento na
Terra de união para a Vida Eterna!

E então, de hoje a trinta e três séculos,

da humanidade terrena que talvez tenha progredido no caminho do Bem e da Verdade, farão parte, mas desta vez para se unirem no seu indestructível Amor, as duas belas almas, que no antigo Egipto animaram os corpos de Ti e Nofer-hotep e em nossos dias habitaram os invólucros carnis de Daisy e José Miguel.

Junho-Julho de 1923



